



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARCOS VINÍCIUS LÚCIO FRAGOSO

A CONSTITUIÇÃO INTERTEXTUAL DO GÊNERO MEME DA INTERNET

Arapiraca – AL
2022

MARCOS VINÍCIUS LÚCIO FRAGOSO

A CONSTITUIÇÃO INTERTEXTUAL DO GÊNERO MEME DA INTERNET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo.

Arapiraca – AL
2022



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Campus Arapiraca - BCA

F811c Fragoso, Marcos Vinícius Lúcio
 A constituição intertextual do gênero meme da internet / Marcos Vinícius Lúcio
 Fragoso. – Arapiraca, 2022.
 66 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo.
Trabalho de Conclusão de Curso – (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) -
Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2022.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus Arapiraca*).
Referências: f. 52-54.
Anexos: f. 55-66.

1. Letras. 2. Linguística textual. 3. Gênero textual - Meme. I. Melo, Deywid Wagner
de. II. Título.

CDU 81

Marcos Vinícius Lúcio Fragoso

A constituição intertextual do gênero meme da internet

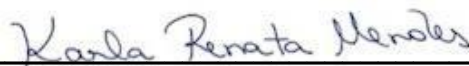
Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 21/06/2022

Banca Examinadora



Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Orientador)



Profa. Dra. Karla Renata Mendes
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinadora)



Prof. Dr. Eduardo Pantaleão de Moraes
Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL
Campus IV
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor da minha vida, pela sua imensa misericórdia e providência, além de nunca me deixar e sempre me sustentar com seu amor. Por toda força ofertada à minha pobre humanidade nos momentos em que nem eu mesmo acreditava em mim. Agradeço, também, a sua sempre virgem Mãe, Maria Santíssima, por seus cuidados, proteção e por sempre me guiar para as coisas do alto.

À minha família, em nome dos meus pais e irmã, José Cícero Fragoso da Silva, Maria Elisângela Lúcio Fragoso e Marianne Vitória Lúcio Fragoso, por todo amor, cuidado e atenção ofertados desde o início da minha formação quanto pessoa e por toda preocupação e apoio em minha formação profissional.

Aos meus amigos do Treinamento de Liderança Cristã (TLC), em nome da minha amiga e irmã Joice Laricia Alves Barbosa, por toda amizade e caminhada naquilo que acreditamos ser nossa maior meta. A presença de cada um em minha vida condiz muito com a plena concretização do amor de Jesus por mim e, por isso, sou grato pela existência de todos e todas.

Ao meu querido professor e amigo, Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo, pela disponibilidade em me orientar, não só neste trabalho, mas desde o início dos meus estudos acadêmicos, por ser inspiração do profissional ao qual pretendo me tornar futuramente e de pessoa íntegra e humana. Sou grato por ter representado, para mim, um dos grandes expoentes que a universidade me apresentou.

Aos meus amigos da Universidade Federal de Alagoas, em especial, a Raquel da Silva Vieira, Karolayne Gomes de Almeida, Laura Cavalcante de Melo, Janielete Lima dos Santos, Polyana Alves Barbosa, Rafaela Monteiro e Kalynne dos Santos por todo companheirismo e por tornarem a labuta acadêmica mais feliz e leve nos momentos difíceis e árduos. Estaremos sempre juntos.

Por fim, aos professores que passaram pela minha vida, em especial, aos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Residência Pedagógica (PRP) por desde sempre me apresentarem o local e a profissão que decidi seguir por toda a minha vida.

RESUMO

É sabido que todo o mundo, na atualidade, está imerso em uma grande aldeia global, em virtude da ascensão tecnológica e suas proliferações na sociedade. Dessa forma, surgem inúmeras práticas comunicacionais e de interação social, implicando o aparecimento de novos gêneros textuais nativos do meio digital. Este trabalho, localizado nos estudos da Linguística Textual, objetiva situar a relação entre o gênero textual Meme e as suas manifestações de intertextualidade presentes. A etimologia do termo Meme, cunhada pelo etólogo Richard Dawkins, em 1976, caracteriza-se abrangendo significados como os de imitação e de reprodução informacional, além de sua ressignificação nos contextos virtuais de comunicação. Destaca-se o conceito de intertextualidade e suas classificações, assim como as possíveis manifestações desse fenômeno. O aporte teórico utilizado sobre Gênero Textual, Memes e as Relações Intertextuais estão concentrados em Marcuschi (2008), Koch e Elias (2008), Dawkins (2007), Recuero (2009), Melo Junior; Moraes e Santos (2020), Koch e Elias (2006), Koch; Bentes e Cavalcante (2007), Samoyault (2008) e Cavalcante (2012). Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com análises de caráter descritivo e interpretativista. Os resultados das análises apontam para a percepção das relações intertextuais como fator primordial para a constituição do gênero textual e sua função sociocomunicativa. O gênero textual Meme constituído, plenamente, pela intertextualidade está presente em diversas redes comunicacionais e contribui com o compartilhamento de informações resultantes de uma produção textual com base em outro(s) texto(s). Nesse sentido, esse trabalho poderá contribuir para os estudos sobre Memes e os fenômenos linguísticos inerentes ao seu uso em contextos sociais.

Palavras-chave: meme; intertextualidade; gênero textual; meio digital.

ABSTRACT

It is known that the entire world, nowadays, is immersed in a large global village, due to the technological rise and its proliferations in society. In this way, numerous communicational and social interaction practices arise, implying the emergence of new textual genres native to the digital environment. This work, located in the studies of Textual Linguistics, aims to situate the relationship between the textual genre Meme and its present manifestations of intertextuality. The etymology of the term Meme, coined by ethologist Richard Dawkins in 1976, is characterized by covering meanings such as imitation and informational reproduction, in addition to its resignification in virtual communication contexts. The concept of intertextuality and its classifications are highlighted, as well as the possible manifestations of this phenomenon. The theoretical contribution used on Textual Genre, Memes and Intertextual Relations are concentrated in Marcuschi (2008), Koch and Elias (2008), Dawkins (2007), Recuero (2009), Melo Junior; Morais and Santos (2020), Koch and Elias (2006), Koch; Bentes and Cavalcante (2007), Samoyault (2008) and Cavalcante (2012). This research is qualitative in nature, with descriptive and interpretive analysis. The results of the analyzes point to the perception of intertextual relations as a primordial factor for the constitution as a textual genre and its socio-communicative function. The textual genre Meme, fully constituted by intertextuality, is present in several communication networks and contributes to the sharing of information resulting from a textual production based on other text(s). In this sense, this work may contribute to studies on Memes and the linguistic phenomena inherent to their use in social contexts.

Keyword: meme; intertextuality; textual genre; digital environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Rage Comics</i>	17
Figura 2 – Charge "Garoto propaganda"	19
Figura 3 – "Nota de 89 mil reais"	20
Figura 4 – Anúncio publicitário "Hora do planeta"	21
Figura 5 – Anúncio publicitário "1º de fevereiro, dia do publicitário"	22
Figura 6 – Cartum "Filipe e a Preguiça"	26
Figura 7 – Post de <i>Facebook</i>	27
Figura 8 – Post de <i>Twitter</i> "Dom Casmurro".....	29
Figura 9 – Paródia de "Monalisa" em tempos de pandemia.....	33
Figura 10 – Anúncio "O Quiabo veste prada".....	34
Figura 11 – <i>Curriculum Vitae</i>	35
Figura 12 – Prêmios e homenagens a Lula.....	36
Figura 13 – Meme 01	42
Figura 14 – Meme 02	43
Figura 15 – Meme 03	44
Figura 16 – Meme 04	45
Figura 17 – Meme 05	46
Figura 18 – Linhagem humana.....	47
Figura 19 – Meme 06	47

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2	ESTUDO DO GÊNERO.....	11
2.1	Noção de Gênero Textual	11
2.2	O Gênero Meme e sua Caracterização	14
2.3	A Intertextualidade e Intergenericidade	18
3	AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS	23
3.1	Intertextualidade de Co-Presença Explícita: citação e referência.....	23
3.2	Intertextualidade de Co-Presença Implícita: alusão e plágio	28
3.3	Intertextualidade de Derivação: paródia, travestimento burlesco e pastiche ..	31
4	METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISES	39
4.1	Caracterização da Pesquisa.....	39
4.2	Constituição do <i>Corpus</i>	40
4.3	Análise: a intertextualidade no gênero Meme.....	41
4.3.1	Análise do meme 01	42
4.3.2	Análise do meme 02	43
4.3.3	Análise do meme 03	44
4.3.4	Análise do meme 04	45
4.3.5	Análise do meme 05	46
4.3.6	Análise do meme 06	47
4.4	Considerações das Análises	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS.....	52
	ANEXO A – NOTÍCIA DO VETO DE MÁSCARAS.....	55
	ANEXO B – MARCHA DE CECÍLIA MEIRELES.....	58
	ANEXO C – CANTEIROS DE FAGNER	59
	ANEXO D – POLÊMICA ENTRE CECÍLIA MEIRELES E FAGNER	61
	ANEXO E – MEUS OITO ANOS DE CASEMIRO DE ABREU	63
	ANEXO F – MEUS OITO ANOS DE OSWALD DE ANDRADE.....	64
	ANEXO G – NOTÍCIA SOBRE A ORIGEM DO TERMO ‘LARANJA’	64

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O gênero textual Meme não é um recurso simplesmente ilustrativo de partes da história, mas faz parte do acervo histórico e cultural da sociedade. As narrativas meméticas comportam textos com linguagem verbal e não-verbal que juntas produzem maior efeito de sentido quando estão relacionadas com os demais critérios da textualidade, como a intertextualidade que é uma característica inerente ao gênero em questão.

O presente estudo tem sua produção desenvolvida no campo de conhecimento da Linguística Textual e dos Estudos de Gêneros Textuais e obtém, como problemática, a análise das relações intertextuais que podem ser encontradas no gênero textual Meme através das análises realizadas, a fim de comprovar que a intertextualidade é um fator constitutivo nos Memes encontrados na internet.

O objeto de estudo que denomina este conjunto de conhecimentos e que dá forma ao gênero textual Meme configura-se na exposição e a explicação de como se dá a relação constitutiva entre o gênero textual analisado neste trabalho, a manifestação dos fenômenos intertextuais e suas classificações. Dessa forma, este trabalho objetiva compreender a difusão dos Memes como gênero textual da internet, bem como suas manifestações e relações estabelecidas com outras produções.

Os gêneros textuais apresentam uma função social em determinada situação comunicativa, pois sua finalidade é promover interação verbal entre os falantes. Nesse sentido, toda comunicação irá se firmar através de um gênero textual, que carrega características dinâmicas, variáveis e autênticas (MARCUSCHI, 2008). Assim sendo, pode-se pensar no Meme como um mecanismo social da linguagem que possibilita a comunicação entre os falantes, abarcando a intertextualidade como um fator da textualidade que corrobora para este processo cognitivo, cultural e histórico que é realizado por intermédio dos gêneros textuais.

Com a popularidade da rede mundial de computadores no século XX, as manifestações das narrativas meméticas passam a ganhar cada vez mais força e utilização pelos internautas, uma vez que este gênero textual pode ser compreendido genuinamente também como um gênero virtual. Além disso, como o mundo digital através das redes sociais passa a fazer parte do cotidiano da maioria das pessoas e os Memes são produções intrínsecas à internet, pode-se afirmar,

logo, que esse gênero textual e seus critérios da textualidade passam a ser mais comuns no dia a dia das pessoas.

Nesse panorama, os estudos acerca da memética e da intertextualidade com a proliferação dos Memes passam a ser mais frequentes pelo interesse que o gênero em questão desperta nos leitores. Assim, surge o título do presente estudo “A Constituição Intertextual do Gênero Meme da Internet”, que insere o trabalho aqui apresentado numa perspectiva de abordagens conceituais sobre gênero textual, as manifestações de intertextualidade e suas classificações, e como verificar essas manifestações intertextuais nos Memes da internet.

Tendo em vista o propósito da pesquisa a respeito do objeto de estudo supracitado, foram lançadas três questões para nortear e sustentar o estudo, sendo essas assim sinalizadas: Como o gênero textual Meme faz parte de todo um contexto social, cultural e histórico com grande capacidade de compartilhamento e ressignificação de informação? Qual a característica do Meme que o constitui como tal gênero? Qual a diversidade intertextual que pode ser encontrada nesse gênero? Pois em uma só produção, pode-se encontrar mais de um tipo de intertextualidade ou em diversas produções meméticas vários tipos diferentes de intertextualidade, já que esse critério textual está intimamente ligado ao gênero em questão que acontece quando um texto faz referência a outro anteriormente já feito que faz parte da memória social (KOCH; ELIAS, 2008).

Dessa forma, o presente trabalho pretende fomentar saberes que possam auxiliar estudiosos da linguagem e quaisquer leitores do gênero em questão para que eles possam reconhecer e empregar as estratégias linguísticas para interpretação e análise dos Memes, reconhecendo a intertextualidade como principal critério da textualidade para esse gênero.

O referencial teórico desenvolvido sustenta-se, predominantemente, nas teorias sobre o estudo dos gêneros textuais de Marcuschi (2008) e Koch e Elias (2009), nas abordagens acerca do surgimento do conceito Meme – Dawkins (2007), Recuero (2009), nas abordagens sobre conceitos de intertextualidade – Koch e Elias (2008), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Samoyault (2008) e nas exposições desenvolvidas por Cavalcante (2012) de acordo com a (re)organização feita por Piègay-Gros (1996) e dentre outros autores.

A metodologia utilizada neste trabalho traz abordagens de caráter qualitativo e bibliográfico, com análises de cunho mais descritivo que exploratório, visto que

essas análises buscam descrever de forma geral determinado objeto, para o desenvolvimento da pesquisa, sustentando-se em princípios teóricos da Linguística Textual e em Estudos sobre o Gênero Textual.

O trabalho é constituído por três seções. A primeira representada pelos estudos inerentes ao gênero, expondo conhecimentos acerca da noção de gênero textual, do gênero textual Meme, a intertextualidade e a intergenericidade. A segunda seção retrata as relações intertextuais e como elas estão organizadas: intertextualidade de co-presença (explícitas e implícitas) e de derivação. A terceira seção apresenta a metodologia da pesquisa, a constituição do *corpus* e análises dos dados. Ao final, apresentam-se as considerações finais com uma análise acerca da percepção da constituição da intertextualidade no gênero Meme, referências e anexos.

Nessa perspectiva, o presente estudo objetiva analisar o Meme da internet como gênero textual, embasando-se nas relações intertextuais, a fim de verificar que esse critério da textualidade é um fator constitutivo dessa produção digital. Portanto, este trabalho interessa aos estudiosos da linguagem, do texto mais precisamente, bem como aos demais leitores e usuários da internet para se debruçarem nas contribuições aqui realizadas a partir das análises meméticas.

2 ESTUDO DO GÊNERO

Nesta seção, serão abordados conceitos e características que formam os gêneros textuais em geral desde a origem até a atualidade, bem como as concepções do gênero textual Meme e suas manifestações no meio em que está inserido e, por fim, será apresentada a caracterização da intertextualidade, como critério da textualidade que se faz presente nos Memes, e a intergenericidade.

2.1 Noção de Gênero Textual

É possível afirmar que o estudo dos gêneros textuais não é algo intimamente relacionado com as pesquisas das últimas décadas, mas desde a formação do conhecimento na sociedade, pois a noção de gênero textual é introduzida por Platão e Aristóteles. Dessa forma, Marcuschi (2008) afirma que:

A expressão "*gênero*" esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos (gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Assim sendo, os gêneros textuais fizeram e fazem parte de todo o processo sociocultural da humanidade, ganhando novas significações e conceitos com o passar do tempo e dos autores que prestam estudos a essa área do conhecimento que analisa os textos. Nesse sentido, atualmente, não somente a literatura carrega o interesse pelos gêneros textuais, mas a área da Linguística que estuda o texto - quer escrito, quer oral - com foco na comunicação e interação entre os interlocutores, ou seja, a Linguística Textual, além dos Estudos de Gêneros.

Hodiernamente, os gêneros têm ganhado mais ênfase no plano dos estudos textuais por serem entidades que se apresentam como formas essenciais que auxiliam e firmam a prática comunicativa de nossa sociedade, além de abarcar várias áreas de pesquisa que se interessam pelo o estudo, garantindo uma vasta multidisciplinaridade às análises feitas.

Além disso, os gêneros textuais ganharam novas significações, sendo possível, hoje, inferir novas tendências e olhares para os estudos. Logo, podem-se observar muitas correntes para analisar a diversidade dessas entidades, tomando

algumas perspectivas teóricas como apresentadas por Marcuschi (2008): perspectiva sócio-histórica e dialógica (BAKHTIN); perspectiva comunicativa (STEGEER, GULICH, BERGMANN, BERKENKOTTER); a sistêmico-funcional (HALLIDAY); perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico voltado para o ensino de segunda língua (SWALES, BHATIA); a interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna (BRONCKART, DOLZ, SCHNEUWLY); perspectiva da análise crítica (N. FAIRCLOUGH; G. KRESS) e a sociorretórica/sócio-histórica e cultural (C. MILLER, BAZERMAN, FREEDMAN).

Não obstante, apesar de observar essas perspectivas de estudos acerca dos gêneros textuais, deve-se levar em conta que essas estruturas de texto não são rígidas, podendo assim pensar em novas correntes de estudo e análises à medida que um gênero oferte essa possibilidade, afinal os textos concretizados pelos gêneros são variáveis e por isso pedem sempre novas discussões e teorias.

Dessa maneira, pode-se pensar em gênero como uma prática totalmente ligada à realização da comunicação, assim como defende Marcuschi (2008):

É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Nesse viés, pode-se saber que os gêneros textuais impulsionam e dão vida a toda prática comunicativa, ou seja, toda comunicação verbal entre os falantes se dá por meio de textos concretizados em algum gênero, consequentemente, essas entidades fazem parte da interação social da linguagem.

É possível inferir que a sociedade sempre será exposta à grande diversidade de gêneros textuais, pois eles surgem conforme a demanda social no processo de comunicação humana.

Além disso, pode-se pensar que a prática dos gêneros textuais não é uma atividade puramente ligada ao domínio das formas linguísticas e sim ao seu desempenho num contexto comunicativo e social. Koch e Elias (2009, p. 61) afirmam que “dominar um gênero consistiria no próprio domínio da situação comunicativa [...]”, portanto, quando se tem profunda intimidade com o gênero textual, há a facilidade de realizar linguisticamente os objetivos da comunicação.

Dessa maneira, os gêneros textuais também funcionam como um poderoso instrumento para a integração social, uma vez que sua plena realização se dá no ato da comunicação dos interlocutores, fortalecendo, assim, as relações sociais, humanas e linguísticas.

Conforme Marcuschi (2008):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas com situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, *receita culinária*, *bula de remédio*, *lista de compras*, *cardápio de restaurante*, *instruções de uso*, *inquérito policial*, *resenha*, *edital de concurso*, *piada*, *conversação espontânea*, *conferência*, *carta eletrônica*, *bate-papo por computador*, *aulas virtuais* e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Pode-se pensar nos gêneros textuais como estruturas que são dinâmicas, ou seja, que não possuem características rígidas e fixas, mas que estão em constante movimentação e variação, assim como o processo comunicacional e interativo também está sujeito a tais ações que são movimentáveis.

Dessa forma, toda vez que realizamos em uma dada situação real a comunicação e a interação, estamos nos refugiando nos gêneros textuais, pois essas estruturas estarão sempre relacionadas. Sendo assim, a escolha do gênero textual para a produção de tal ato deve ser pautada não apenas em propriedades linguísticas, mas também em questões funcionais do gênero na sociedade.

Assim, a atividade de selecionar o uso de determinado gênero textual para um dado contexto sociocomunicativo não deve ser aleatória, mas a escolha deve ser direcionada tendo em vista os objetivos específicos da interação que se deseja atingir com o uso daquele texto (escrito ou oral) realizado por um gênero textual

Numa perspectiva bakhtiniana, convém lembrar ainda que os gêneros textuais se distinguem uns dos outros pelo uso do plano composicional, pelo conteúdo temático e pelo estilo. Para Koch e Elias (2009), a composição está centrada na forma organizacional dos elementos, como: ilustrações, tabelas, gráficos, cores etc., e na oferta das informações expressas no gênero. O conteúdo abarca as temáticas

esperadas que sejam abordadas nos textos e, por fim, o estilo diz respeito ao tipo de relação que será executada entre os interactantes por meio do gênero textual.

Além disso, as práticas de uso dos gêneros textuais também podem funcionar como poderoso meio de controle social, pois eles são necessários para firmar a comunicação humana e garantir veracidade ao discurso que está sendo proferido verbalmente. Logo, quando desejamos nos comunicar, recorremos aos gêneros textuais para conseguir tal ato. Por fim, observa-se a dinamicidade, variação e plasticidade que essas entidades carregam para gerar um contexto sociointerativo por meio da comunicação entre os falantes.

2.2 O Gênero Meme e sua Caracterização

Com o surgimento e o avanço da globalização, o mundo tem ficado cada vez mais conectado com o frequente uso das redes sociais. Atualmente, o processo de comunicação e interação pôde ser realizado com mais facilidade por quaisquer pessoas que portem os aparelhos midiáticos necessários para executar tal ação e é com esta percepção que se pode afirmar que o planeta, a cada dia, tem se transformado numa imensa aldeia global.

Convém lembrar que, com a revolução industrial, as tecnologias têm sido cada vez mais frequentes no dia a dia das pessoas. Apesar de esse contexto histórico ser dividido em fases, com suas características particulares, pode-se pensar que todos os aparatos desenvolvidos no período revolucionário estavam e estão diretamente interligados com o intuito de tornar prática a rotina das pessoas objetivando facilitá-la.

O século XX situa-se na terceira fase da revolução industrial, período voltado para o desenvolvimento da ciência, tecnologia, eletrônica e robótica. Nesse momento, é criada a internet dispondo um vasto sistema informacional além de unir usuários de todas as partes do globo terrestre por meio de uma relação dialógica virtual.

Nesse viés, redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatssApp* e entre muitas outras têm sido locais de interação e fortalecimento das relações comunicativas. Com o avanço da rede mundial de computadores, foi possível, nessa área, visualizar um desenvolvimento maior na forma de se comunicar e de se fazer comunicação.

À medida que os meios tecnológicos evoluem, surgem novas atividades comunicativas que dão forma a novos gêneros textuais, promovendo a interatividade que é uma ferramenta primordial para a internet e seus respectivos gêneros de suporte digital.

Nesse panorama de revolução industrial, globalização e ascensão da internet, surge um novo, influente e muito usado gênero textual: o Meme da internet, que a cada dia ganha mais espaço no mundo virtual através das redes sociais, abrindo espaços para manifestações de opiniões, críticas sociais, reflexões e novos hábitos sociocomunicativos.

A palavra Meme é uma abreviação da palavra grega *mimese* que significa imitar. O conceito foi, originalmente, cunhado por Richard Dawkins em sua célebre obra “O Gene Egoísta”, publicado em 1976. Nesse sentido, Dawkins (2007, p. 148) define Meme como “unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação”, ou seja, como um vírus no sentido de replicação informacional.

Para Dawkins (2007):

Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro (DAWKINS, 2007, p. 148).

Assim sendo, em ambientes comunicacionais da internet, a palavra Meme remete à viralização de conteúdos das mais variadas esferas de temas nas redes digitais. Enquanto os genes replicam informações de corpo para corpo, os Memes as propagam de um cérebro para outro. Dessa forma, a comunicação através das informações surge e se multiplica de forma espontânea, recontextualizando várias modalidades de formas, mediante a notoriedade de algum acontecimento de determinado contexto sociopolítico, visando à crítica, produção de comentários, reflexões, indignações, pautados muitas das vezes na sátira e ironia.

Além disso, para um Meme sobreviver e manter seu sentido no mundo virtual, ele necessita de algumas características inerentes para o efeito de significação e sua popularização. Para Recuero (2009):

Dawkins (1979) e Blackmore (1999) apontam como características essenciais dos memes para a sua sobrevivência: a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias. A longevidade é a capacidade do meme de permanecer no tempo. A fecundidade é sua capacidade de gerar cópias. Por fim, a fidelidade é a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original (RECUERO, 2009, p. 124).

Assim, essas particularidades devem estar associadas às narrativas meméticas para auxiliar as produções desse gênero a se perpetuarem e garantirem máximos significados e replicações de informações na rede de computadores.

O gênero textual Meme vem sendo disseminado a cada dia nas redes sociais, firmando o seu propósito comunicacional e ganhando espaço nas diversas áreas das discussões linguísticas. Dessa maneira, esse gênero é considerado como uma unidade de informação que se multiplica de uma mente para outra ou entre locais onde o conteúdo é armazenado.

O Meme se replica no tempo e espaço tornando-se um poderoso meio viral que acontece e faz menção a maioria dos textos da atualidade como vídeo, imagem, frase, ideia, música e entre outros que se espalham entre vários usuários, alcançando muita popularidade.

Se é aceitável pensar que os variados gêneros textuais estão relacionados com a prática comunicativa e interação social, logo, pode-se aferir que os Memes também fazem parte desse rol de gêneros textuais por desempenhar os mesmos objetivos sociocomunicativos. Para Recuero (2009, p. 122), os Memes são gêneros “potencializados pela rede e parte da dinâmica social desses ambientes”.

Por sua vez, o Meme é um gênero textual e virtual concretizado em textos midiáticos que para Melo Junior, Morais e Santos (2020) têm a capacidade de expor e argumentar situações humanas por meio de discursos empíricos vividos ao longo do tempo.

Além disso, Dawkins (2007) postula uma corrente específica para o estudo formal do gênero Meme: a memética, a qual trata os humanos não apenas como produto de uma evolução biológica, mas de uma evolução cultural, que tem uma capacidade transformativa textual, ou seja, aptidão em modificar e transformar as informações de um texto do cotidiano, ocupando novos sentidos e novas formas.

Como os gêneros estão associados à linguagem e essa, por sua vez, é dinâmica, a memética, como estudo formal deste gênero, apresenta igual dinamicidade, logo, esse é o processo em que uma ideia ou Meme muda conforme é

passado de uma pessoa para outra. A dinamicidade memética cresce quando esse gênero é replicado de uma maneira descuidada ou até mesmo com pontos omissos e ambíguos.

A manifestação dos Memes também recebe influência da temporalidade, e designa a (in)coerência desse gênero, visto que as discussões relevantes no contexto em que ele é produzido podem não ser as mesmas do contexto em que ele é lido.

No Brasil, as primeiras aparições daquilo que hoje é conhecido como Meme surgiram através das chamadas *Rage Comics*, por volta de 2008. As *Rages Comics* são como tirinhas que narram experiências rotineiras de personagens, *Rages Faces*, como são conhecidas as personagens dessas produções, apresentando ao fim uma quebra da expectativa com fins humorísticos, como se pode observar a imagem a seguir:

Figura 1 – *Rage Comics*



Fonte: MING (2016)

Esse tipo de ilustração que viralizou pela internet era criada por meio de softwares de desenhos simples como o *Paint* da *Microsoft*. A partir de então, os Memes passam por reproduções instantâneas garantindo, dessa forma, a popularidade do gênero textual nos meios midiáticos.

Na perspectiva bakhtiniana, o gênero Meme apresenta uma organização composicional que está relacionada com a estrutura escolhida para a produção do texto digital, um tema, o qual diz respeito ao assunto e pontos de vista adotados pelo autor do texto, e objetivos que mostram o propósito e finalidade da produção do gênero.

2.3 A Intertextualidade e Intergenericidade

Observa-se que a prática da leitura de diversas produções textuais traz a necessidade de o leitor ativar conhecimentos conseguidos em outros textos para se alcançar uma maior interpretação e compreensão do que está sendo proposto pela produção. Dessa forma, pode-se pensar em intertextualidade quando um texto faz menção a outro estabelecendo relações intertextuais.

Para Cavalcante (2012):

O conceito de *intertextualidade* surgiu no âmbito da crítica literária, com a autora Julia Kristeva (1974), para quem todo texto é realmente um mosaico de citações de outros textos. Kristeva, na verdade, se apoiava no postulado bakhtiniano do dialogismo, conforme o qual qualquer enunciado é resposta a enunciados anteriores e potencializa o surgimento de outros enunciados, quer imediatos, quer distantes (CAVALCANTE, 2012, p. 146).

O termo intertextualidade pode ser pensado como um importante fator da textualidade, que apoiado no dialogismo bakhtiniano, considera toda produção de texto um elo de referências entre outros textos (texto-fonte e demais produções), firmando, assim, a intertextualidade em várias relações constitutivas.

Koch e Elias (2008) defendem que:

A intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de **escrita/leitura** e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos (KOCH; ELIAS, 2008, p. 86).

Ainda para as autoras Koch e Elias (2008), a intertextualidade acontece quando um dado texto faz menção a outro, utilizando um intertexto de uma produção anteriormente feita a que faz parte dos conhecimentos enciclopédicos da sociedade em geral.

A intertextualidade é considerada um critério da textualidade (MARCUSCHI 2008), que tem como principal objetivo firmar uma conversação e a comunhão de ideia de uma produção com outra/s, visto que nenhum texto é solitário e uma de suas essências é, justamente, referenciar outras obras.

Dessa maneira, Cavalcante (2012) aborda, nos estudos acerca da conversa entre textos, a perspectiva de Genette (1982) que estuda tais processos no texto literário. A proposta é, mais tarde, reorganizada por Piègay-Gros (1996), aplicando-a também aos estudos literários. A sugestão resume-se à divisão das relações intertextuais em relações de co-presença que estão subdivididas em explícitas (citação, referência) e implícitas (plágio e alusão) e de derivação (paródia, travestimento burlesco e pastiche).

Vale ressaltar que para o processo de intertextualidade se firmar e causar significação ao texto, é necessário tanto que o leitor, minimamente, tenha ciência do texto-fonte, como busque ativar seus conhecimentos pela busca de produções textuais anteriores que de alguma forma mantenham relações (de co-presença ou derivação) com o texto em análise, pois, em alguns casos, os intertextos podem assumir e transmitir novos conceitos em novas perspectivas.

Assim, a intertextualidade, fator primordial para a construção textual, define-se como o conjunto de relações constitutivas de um texto com outros. Marcuschi (2008, p. 131) ao pensar sobre o fenômeno em questão afirma que “a intertextualidade colabora com a coerência textual. É hoje estudada detidamente porque tem importância fundamental ao relacionar discursos entre si.”

A fim de exemplificar, apresentam-se aqui textos produzidos sob influência de diferentes contextos sociais e políticos acerca dos momentos de dificuldades vividos pela população em consequência de um (des)governo perante as crises nacionais no ano de 2020.

Figura 2 – Charge "Garoto propaganda"



Fonte: Desenhos do Nando (2020)

A ilustração acima materializa a intertextualidade, quando faz total referência à postura do presidente da república, JMB, em defender o uso da Cloroquina, medicamento usado contra a malária, no combate à Covid-19.

Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em hipótese alguma, recomendou o uso do remédio, justamente por não ter a comprovação se sua ação no organismo dos infectados teria êxito. Porém o chefe do Estado, insistentemente, tem feito menção, em posts da internet e em notícias, ao consumo da substância e, dessa forma, adquiriu por parte dos brasileiros a característica de genocida que se refere aquele que apoia ou pratica o ato do extermínio deliberado de uma comunidade em geral ou grupo de pessoas.

Figura 3 – "Nota de 89 mil reais"



Fonte: Simão (2020)

Nessa imagem, a relação intertextual é constituída através do recurso imagético ao dialogar com a situação que ganhou proporção durante uma entrevista por um repórter do jornal "O Globo" ao atual presidente do Brasil sobre os depósitos feitos por Fabrício Queiroz na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, deixando o político furioso pela pergunta: "Presidente, por que Michelle recebeu R\$ 89 mil de Queiroz?". Até o presente momento, não há respaldos sobre o depósito e acredita-se que a ação seja oriunda de desvios de recursos públicos.

A intertextualidade é um fator importante para o estabelecimento e coerência dos gêneros textuais, assim como também acontece com os Memes tendo em vista

que sua produção se comunica diretamente com o uso e a referência de outros textos, que reflitam ou não o contexto de produção.

Portanto, acredita-se que esse critério da textualidade garante o alto compartilhamento e replicações das produções textuais e até mesmo, em alguns contextos, a ressignificação das referidas produções por novos sentidos, já que os fatores extralinguísticos influenciam os textos, transformando-os em um vasto mosaico de citações uns dos outros. Da mesma forma, pode-se pensar para o gênero textual Meme que toda narrativa memética pede que haja basicamente uma relação com o texto-fonte para a compreensão e interpretação textual.

No que tange à intertextualidade, pode-se pensar também no fenômeno da intergenericidade (hibridização ou intertextualidade intergêneros) que de acordo com Koch e Elias (2008) acontece quando um dado gênero assume a estrutura de outro, tendo em vista o propósito comunicativo com os demais falantes, como se pode observar na ilustração a seguir:

Figura 4 – Anúncio publicitário "Hora do planeta"

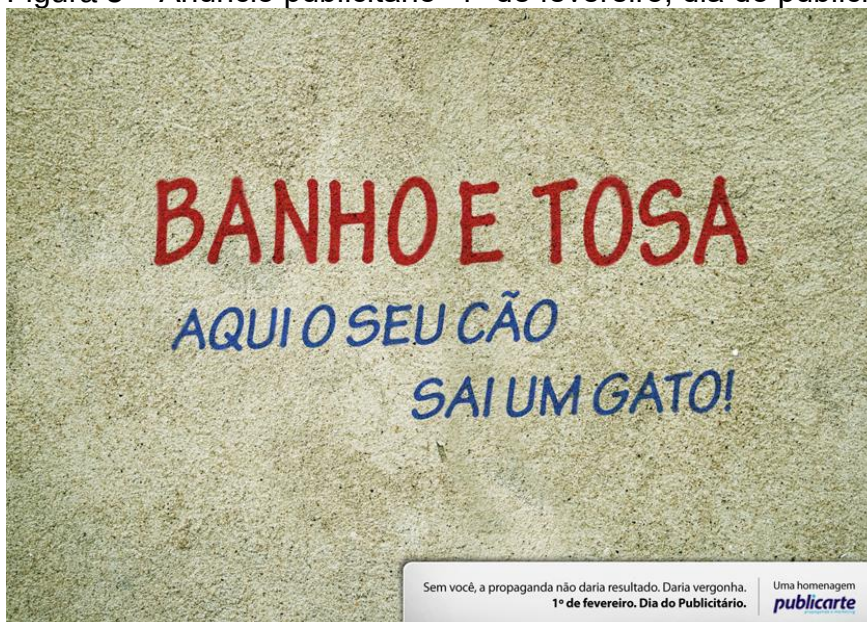


Fonte: Prado (2014)

Observa-se que o gênero textual em questão é o anúncio publicitário, pois encontram-se características próprias dessa estrutura textual por excelência que não abandonam a intenção de convencer o leitor a respeito do objetivo textual determinado.

Mas, nesse contexto, pode-se analisar que o gênero anúncio publicitário toma forma do gênero poesia, mais intrinsecamente dos elementos da poesia visual para alcançar e firmar a comunicação pretendida pelo interlocutor, que é persuadir o leitor através da linguagem literária com subsídios para tornar a mensagem mais interessante.

Figura 5 – Anúncio publicitário "1º de fevereiro, dia do publicitário"



Fonte: Dequinha (2019)

Nesse caso, observa-se uma propaganda aparentemente pichada em uma parede, assim, novamente, o gênero textual anúncio publicitário, que chama atenção para o convencimento dos leitores sobre tosa em cães, apresenta-se na forma do gênero grafite que genuinamente tem um papel social de conscientização e sensibilização para fomentar uma crítica social.

Assim sendo, as pessoas portam um dispositivo chamado competência metagenérica, que, de acordo com Koch e Elias (2008, p. 102), refere-se à habilidade dos sujeitos de compreender e até mesmo dominar os gêneros textuais.

Destarte, é essa habilidade textual que na intertextualidade intergênero nos auxilia a identificar os diversos gêneros textuais em questão e observar a função social para que haja a determinação do propósito comunicativo entre os interactantes, observando, portanto, o contexto em que o gênero textual se insere.

3 AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS

Esta seção apresenta a caracterização da intertextualidade conforme Cavalcante (2012) que trata das relações de co-presença explícitas (Citação e Referência) e implícitas (Plágio e Alusão), e também das relações intertextuais por derivação (Paródia, Travestimento burlesco e Pastiche).

3.1 Intertextualidade de Co-presença Explícita: citação e referência

Antes de mais nada, é importante destacar que Koch, Bentes e Cavalcante (2007) se refugiam em Gérard Genette (1982) para afirmar que:

Genette tratava, de modo geral, os diálogos entre textos como relações de transtextualidade, a transcendência textual, tudo o que põe em relação ainda que “secreta”, um texto com outros e que inclui qualquer relação que vá além da unidade textual de análise (GENETTE, 1982 apud KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 119).

Dessa forma, entende-se por transcendência a elevação de um dado a outro. Logo, quando pensamos nesse fenômeno voltado ao texto, afirmamos que uma determinada produção mantém uma relação de aproximação com outra(s). Vale ressaltar que essa aproximação pode acontecer de variadas formas que serão apresentadas ao longo dessa seção.

Além disso, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam que o fenômeno da transtextualidade, segundo Genette (1982), pode ser dividido em cinco classificações: intertextualidade restrita (que diz respeito às relações de co-presença, que serão trabalhadas neste subtópico), paratextualidade, architextualidade, metatextualidade e hipertextualidade (que diz respeito às relações de derivação, que serão trabalhadas no próximo subtópico). É importante validar que as subclassificações da transtextualidade não se excluem, porém são interdependentes, ou seja, estão intimamente relacionadas para que em uma, a outra exista.

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 131), aludindo Genette (1982), a paratextualidade é “o conjunto das relações que o ‘texto propriamente dito’ estabelece com os segmentos de texto que compõe uma obra”, logo, título, subtítulo, prefácio, notas e afins são considerados elementos paratextuais, porém para ser

firmada a intertextualidade, nesse caso, esses elementos devem ser retirados de outras produções para que haja um ponto em comum entre os textos.

Outro viés apresentado é o da architextualidade que, para Koch, Bentes e Cavalcante (2007), é a relação que coloca em pauta a junção de uma dada produção de texto a uma determinada categoria (gênero, discurso, enunciação e afins). Dessa forma, pode-se pensar que essa relação da transtextualidade torna o texto em questão com a instância a qual ele se relaciona numa só produção. Além disso, a architextualidade ajuda nas contribuições da intertextualidade intergenérica apresentada no tópico 1.3 da seção 1.

Posteriormente, as autoras, ainda reverberando Genette (1982), configuram metatextualidade como uma apreciação que relaciona o texto-fonte a outro que está sendo mencionado numa espécie de crítica. Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.133) “a crítica, ou a convocação do texto-fonte, aparece sob forma de alusão.”.

Após fazer uma breve retomada em algumas das estratificações das relações transtextuais, esta seção trabalhará com maior ênfase em outros dois tipos de transtextualidade que serão apresentados a seguir: a intertextualidade restrita e a hipertextualidade. Com isso, primeiramente, apresentar-se-á a intertextualidade restrita, tema desse tópico.

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 119) “a transtextualidade por intertextualidade restrita diria respeito a relações de co-presença entre textos e seria identificada ‘pela presença efetiva de um texto em outro’”. Dessa forma, é possível afirmar que a intertextualidade restrita coloca em pauta as relações de co-presença, podendo estabelecer a aproximação de uma produção com outra, ora de forma mais explícita, ora de forma mais implícita, tendo suas manifestações a partir de alguns casos que serão apresentados.

O caráter de explicitude da intertextualidade ocorre pela identificação da citação da fonte do intertexto colocado no texto em questão, conferindo-lhe um valor mais de identificação do que de subversão. Para isso, delimita-se a citação e referência como as duas principais intertextualidades restritas de co-presença que exercem relações mais explícitas entre os textos que a circundam.

Segundo Cavalcante (2012):

A citação exerce a função discursiva do recurso à autoridade (ou argumento de autoridade, como se lê em Perelman e Tyteca, 1996), em que há necessidade de se recorrer à palavra especializada para sustentar o que

está sendo dito, garantindo-se mais credibilidade ao que diz o enunciador (CAVALCANTE, 2012, p. 147).

Dessa forma, todas as vezes que um dado texto mencionar fragmentos de outro com um valor mais de identificação para garantir, corroborar ou autenticar o discurso ou a produção em questão, estaremos diante da relação intertextual de co-presença citação.

É importante salientar que o intertexto pode ou não vir seguido de recursos linguísticos como sinais de pontuação (aspas, pontos ou marcas afins no corpo do texto). Geralmente, quando há a presença desses traços, a citação é explícita, pois haverá a alegação da fonte do intertexto e o leitor rapidamente encontrará a relação de intertextualidade entre o texto-fonte e a citação dele no texto em questão, mas quando os sinais de pontuação ou as marcas características dessa manifestação não estiverem presentes, a citação será tida como implícita, logo, espera-se que o leitor recupere a fonte da citação em sua memória discursiva para efetivar a produção de sentido.

Com o objetivo de ilustrar os conceitos acima, seguem exemplos de intertextualidade de valor mais explícito e implícito:

Quadro 1 – Notícia: “Bolsonaro veta parte de lei que determina o uso de máscaras em locais públicos”

[...] Senadores de vários partidos comentaram os vetos de Bolsonaro. "É um péssimo exemplo pra sociedade. É o governo não colocando à disposição da população mecanismos pra protegê-la", disse o senador Major Olímpio (PSL-SP).

O presidente Jair Bolsonaro já saiu às ruas diversas vezes sem máscara. Em junho, uma decisão da Justiça Federal determinou que ele use a máscara no Distrito Federal. Mas a Advocacia-Geral da União derrubou a decisão no Tribunal Regional Federal, alegando que Bolsonaro deve sim respeitar a regra, mas que não poderia ser tratado de forma diferente dos outros cidadãos que também foram flagrados não usando a máscara.

O médico sanitaria da Fiocruz Cláudio Maierovitch destacou que é importante uma mensagem clara dos governantes. "Se uma autoridade fala uma coisa e a outra fala outra, as pessoas se sentem na possibilidade de optar por aquilo que parece mais conveniente ou confortável. E aí nós temos uma confusão geral e aumenta a propagação da doença. Só vai ser possível enfrentar essa epidemia se nós tivermos uma coesão da sociedade em torno das medidas que são necessárias", explicou. [...]

Na notícia anterior, pode ser encontrada manifestação de citação explícita. O texto em questão tem por título: “Bolsonaro veta parte de lei que determina o uso de máscaras em locais públicos” e discorre sobre a isenção do uso obrigatório de máscara em locais públicos, durante a pandemia da Covid-19, e a desobrigação do governo em doar dispositivos que auxiliam na redução do contágio viral para a população mais pobre.

A notícia foi divulgada no telejornal Jornal Nacional, da rede Globo, e publicada no portal g1, e, para garantir mais autoridade e teor de verdade à notícia, os produtores da matéria trouxeram citações referenciando as suas fontes, nesse caso a fonte dos intertextos que seriam as contribuições do senador Major Olímpio (PSL-SP) e do médico sanitарista da Fiocruz, Cláudio Maierovitch, seguido do traço tipográfico aspas.

Ainda há casos de intertextualidade explícita quando o intertexto concretizado pela citação é do próprio autor. Nesse viés, estaremos diante de um processo caracterizado de autotextualidade, que implica pensar que o/a autor/a recorre as suas próprias produções e cita-as em novos textos.

Por outro lado, ainda pode-se destacar casos também de citação, mas de caráter implícito como se apresenta a seguir:

Figura 6 – Cartum “Filipe e a Preguiça”



Quino

Fonte: Gomide (2013)

Nesse caso, observa-se que a citação não faz menção à fonte do intertexto. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 121) “a fonte da enunciação não é explicitada e, na verdade, pode ser reportada a um enunciador genérico”, que nesse caso são as crianças que utilizam da regra de obedecer aos pais, para se deixarem seduzir pela preguiça. Assim, a citação pertence ao arcabouço social e cultural de todos, em especial, nessa produção, das crianças e adolescentes.

Sendo assim, conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2007) é importante pensar que, quando o intertexto é alheio, faz-se oportuno inserir a voz do locutor, dono da citação. Quando o intertexto é do mesmo autor, ocorre o processo já denominado de autotextualidade e quando se tem um enunciador genérico o segmento não pode ser introduzido a somente um enunciador, portanto, ocorre o caso de citação com um caráter maior de implicitude.

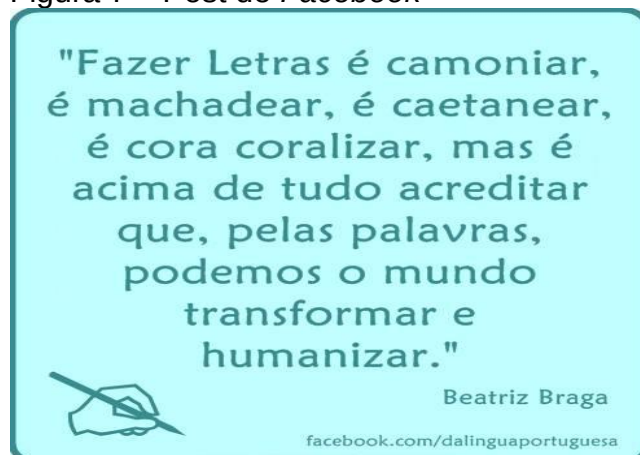
No que diz respeito à referência, Cavalcante (2012) afirma:

A referência diz respeito ao processo de remissão a outro texto sem, necessariamente, haver citação de um trecho. A remissão pode realizar-se, por exemplo, por meio da nomeação do autor do intertexto, do título da obra, de personagens de obras literárias etc. (CAVALCANTE, 2012, p. 150).

Dessa forma, essa remissão que é explícita e, conseqüentemente, direta nos faz relacionar a produção que contém a referência com algum elemento do texto-fonte, embora não haja literalmente uma citação. Essa manifestação de co-presença da intertextualidade ocorre em diversos gêneros, desde a retomada de personagens em obras literárias até a referência de autores nos gêneros acadêmicos, inclusive em Memes.

A fim de exemplificar essa relação da intertextualidade, observa-se o exemplo que, a partir da imagem, a autora da sentença, Beatriz Braga, usa a relação intertextual de referenciação, quando menciona na criação do seu fragmento palavras derivadas dos nomes de grandes autores da literatura para reportá-los: Luís Vaz de Camões, Machado de Assis, Caetano Veloso e Cora Coralina.

Figura 7 – Post de Facebook



Fonte: Menezes (2014)

Além desse caso mais convencional, também encontramos a manifestação da referência em gêneros acadêmicos com a remissão do nome do autor ou alguma informação que seja relevante à obra que será referenciada no texto, como no exemplo abaixo:

Quadro 2 – Referência em gênero acadêmico

[...] Calixto (2017) concebe os memes como composições híbridas, micronarrativas originadas de narrativas – que circulam no ciberespaço – e construídas por meio de montagens, recortes, e remodelagens [...].

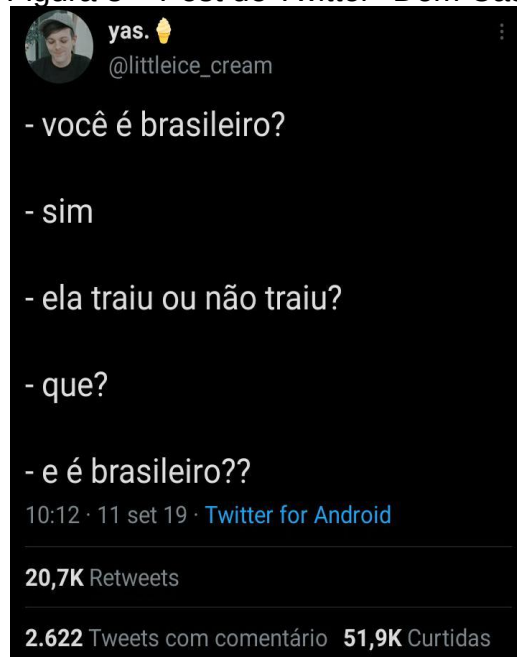
Fonte: Melo Junior; Moraes; Santos (2020)

Nesse exemplo, percebe-se que os autores de: “Aspectos Retóricos no Gênero Textual Meme na Internet” não trazem citações diretas de Calixto ao seu texto, antes percebemos que eles apenas o referenciam como auxílio na construção de suas produções e embasamento das questões levantadas na obra, além de garantir mais autoridade e autenticidade naquilo que eles propõem.

3.2 Intertextualidade de Co-Presença Implícita: Alusão e Plágio

Apresentam-se, neste tópico, outras duas manifestações da intertextualidade na perspectiva de relação de co-presença, mas dessa vez num viés mais implícito que os casos de citação e referência. Nesses contextos, faz-se necessário que os leitores busquem, nas entrelinhas, as relações que o intertexto realiza com o seu texto-fonte.

Primeiramente, a manifestação da alusão é tida quando um enunciador supõe relação entre produções, mas, para isso, o leitor necessita ter conhecimento do texto-fonte, pois o que acontece é uma remissão indireta às obras que o intertexto pertence. Por isso, afirma-se o caráter mais implícito já que não há uma referência direta a elementos linguísticos como nome do autor, personagens, ano de publicação do texto-fonte e termos afins. Para exemplificar, segue a imagem:

Figura 8 – Post de *Twitter* "Dom Casmurro"

Fonte: VOCÊ... (2019)

O post encontrado, na rede social *Twitter*, faz alusão a um dos maiores e mais conhecidos romances realistas da literatura brasileira: “Dom Casmurro”, do célebre Machado de Assis. Nesse exemplo, não vemos menções ao nome do autor, nem ao título da obra ou data de publicação, muito menos a referência do nome dos protagonistas, Bentinho e Capitu. Afirma-se, então, que a postagem faz alusão à obra machadiana pelo fato da inferência feita a partir dele, quando tratamos de uma das questões mais conhecidas do romance, senão a mais conhecida, que é a suposta traição de Capitu.

Dessa forma, conforme afirmam as autoras, Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 127), “Na alusão, não se convocam literalmente as palavras nem as entidades de um texto, porque se cogita que o co-enunciador possa compreender nas entrelinhas o que o enunciador deseja sugerir-lhe sem expressar diretamente.”, nesse caso, espera-se que através do conhecimento enciclopédico, o receptor recupere em sua memória social e cultural as relações que o intertexto faz com o texto-fonte, que visto no exemplo anterior, aludia a questões envolventes ao romance *Dom Casmurro*.

Um dos mais conhecidos tipos de intertextualidade restrita por co-presença é o plágio. Para Cavalcante (2012, p. 149) “o plágio é a apropriação indevida do texto alheio de forma que o plagiário assume como sua a autoria do texto de outrem.”,

outrossim, quando há plágio, há uma reprodução linguística tornando a fonte do texto implícita. Dessa maneira, a questão central dessa manifestação intertextual é, justamente, não haver a referência do autor do texto-fonte, sendo o intertexto incorporado no texto-plágio como uma produção autêntica e própria.

A fim de exemplificar um caso de plágio, segue uma polêmica envolvendo as produções da poeta Cecília Meireles, com seu poema “Marcha”, e o cantor cearense Fagner, com sua música Canteiros:

Quadro 3 – Comparação entre Marcha e Canteiros

Marcha – Cecília Meireles	Canteiros – Fagner
[...] Quando penso no teu rosto, fecho os olhos de saudades; tenho visto muita coisa, menos a felicidade. Soltam-se os meus dedos tristes, dos sonhos claros que invento. Nem aquilo que imagino já me dá contentamento. [...].	Quando penso em você Fecho os olhos de saudade Tenho tido muita coisa Menos a felicidade Correm os meus dedos longos Em versos tristes que invento Nem aquilo a que me entrego Já me dá contentamento [...].

Fonte: Autor (2021)

Após 30 anos da publicação do poema de Cecília Meireles, o cantor Fagner, em 1973, lança a música “Canteiros” em um de seus discos. Porém, os familiares de Meireles observando, posteriormente, a canção perceberam que havia indícios de plágio do poema, como mostrado acima, sem os créditos, inicialmente, à modernista. As filhas de Cecília Meireles entraram com uma ação judicial por violação dos direitos autorais da mãe, conforme o *site* Livro Leve Solto. Na presença do juiz, Fagner admitiu ter tentado fazer uma “adaptação” do poema “Marcha” e o Supremo Tribunal Federal deu por vencido o caso em favor da família Meireles, cabendo ao cantor pagar uma indenização na média de 100.000 cruzeiros.

Apesar de Fagner alguns anos após a publicação da música ter colocado Cecília Meireles como co-autora de “Canteiros” e o desfecho com as questões judiciais ter sido resolvido com o intermédio de acordos entre as gravadoras, o cantor cearense e os familiares da poeta, vale ressaltar que uma das consequências

do uso dessa relação intertextual está ligada com questões jurídicas, pois em outras tentativas de definir o plágio Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 128) afirmam ser um “roubo intelectual”.

3.3 Intertextualidade de Derivação: paródia, travestimento burlesco e pastiche

Para encerrar esta seção, apresenta-se a hipertextualidade, um dos cinco tipos da transtextualidade. Essa classificação põe em pauta as relações de derivação que uma produção exerce sobre a outra, pois segundo Cavalcante (2012, p. 155) “um texto deriva de outro previamente existente”, sendo dividido em algumas categorias.

Para Samoyault (2008):

Em seguida, a hipertextualidade segundo Gérard Genette, oferece a possibilidade de percorrer a história da literatura (como das outras artes) compreendendo um de seus maiores traços: ela se faz por imitação e transformação (SAMOYAUULT, 2008, p. 33).

Dessa forma, caracteriza-se a paródia, pastiche e travestimento burlesco como exemplos de intertextualidade por derivação, pois partem de processos de transformação ou imitação de outro texto conforme afirma a autora acima. Vale ressaltar que ainda há um tipo específico da manifestação da intertextualidade por derivação: *détournement* e será também abordado neste subtópico.

Tradicionalmente, vê-se a paródia mais associada ao gênero textual música, transformando o texto-fonte em outro. Porém, pode-se pensar que essa manifestação da intertextualidade que consiste na característica de modificar a produção textual, pode estar associada a quaisquer textos de diversos gêneros. E ainda vale ressaltar a quaisquer textos verbais e não verbais.

Para Samoyault (2008):

A paródia transforma uma obra precedente, seja para caricaturá-la, seja para reutilizá-la, transpondo-a. Mas qualquer que seja a transformação ou a deformação, ela exhibe sempre um liame direto com a literatura existente. As definições não especializadas, as definições de dicionários que registram seu sentido comum são depreciativas, senão nitidamente pejorativas: “Imitação burlesca de uma obra séria. Fig. contrafacção ridícula” (*Petit Robert*); “Imitação grosseira que restitui apenas certas aparências” (*Trésor de la langue française*); O melhor parodista está sempre abaixo de seu modelo (*Grand Larousse du XIX siècle*). Contra o sentido comum, as

definições do discurso teórico devolvem à paródia seus traços específicos que não implicam necessariamente seu caráter menor, ligado a esta mistura de dependência e de independência que faz toda a ambivalência da paródia (SAMOYAUULT, 2008, p. 53).

Com isso, a essência da paródia consiste na transformação textual com variados objetivos e propósitos, tais quais podem estar relacionados com humor, sátira, crítica e focos afins. Além do mais, como afirma Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 138) “a paródia se constrói por uma tensão entre a semelhança com o texto-fonte e a diferença que os separa.”, ou seja, o texto parodiado não deve conter uma plena semelhança com o texto original para não correr o risco do plágio, e nem deve obter um intertexto que se distancie totalmente do texto-fonte.

De qualquer forma, será muito feliz o leitor que além de aplicar os conhecimentos linguísticos que são importantes para delimitar a manifestação da intertextualidade presente no texto, aplicar também o seu conhecimento enciclopédico, que na maioria das vezes, é o fator preponderante para identificar a transformação que acontece no texto parodiado e, conseqüentemente, relacionar o texto-fonte com a paródia. A seguir, seguem exemplos de paródias de textos com linguagem verbal e outro com linguagem não-verbal:

Quadro 4 – Meus oito anos

Meus oito anos – Casimiro de Abreu	Meus oito anos – Oswald de Andrade
Oh! que saudades que tenho Da aurora da minha vida, Da minha infância querida Que os anos não trazem mais! Que amor, que sonhos, que flores, Naquelas tardes fagueiras À sombra das bananeiras, Debaixo dos laranjais! [...]	Oh que saudades que eu tenho Da aurora de minha vida Das horas De minha infância Que os anos não trazem mais Naquele quintal de terra! Da rua de Santo Antônio Debaixo da bananeira Sem nenhum laranjais [...]

Fonte: Autor (2021)

Podemos afirmar que o modernista brasileiro, Oswald de Andrade, parodia o a produção do poeta romântico, Casimiro de Abreu, o qual destaca a saudade da

sua terra natal e os elementos que ela porta, transformando o texto-fonte em uma nova produção.

É importante destacar que o segundo texto não se distancia do primeiro, pois resgata alguns elementos do poema, mas modifica o sentido da produção romântica com o propósito de fornecer uma crítica construtiva ao nacionalismo que Casimiro de Abreu exalta em seu poema por ser uma das grandes características do movimento literário Romantismo.

Segue, agora, outro exemplo de paródia com o uso predominante da linguagem não-verbal:

Figura 9 – Paródia de “Monalisa” em tempos de pandemia



Fonte: Tuchlinski (2020)

No ano de 2020, o Estadão publicou uma notícia apresentando trabalhos feitos por alunos de uma escola em São Paulo, parodiando famosos quadros do mundo da arte, entre eles, Monalisa, de Leonardo da Vinci, O Grito, de Edvard Munch, Rosa e Azul, de Renoir, a fim de alertar sobre as medidas que devem ser tomadas para evitar a proliferação do novo Coronavírus, a Covid-19, através das exposições artísticas que sofreram transformações.

Na imagem acima, vemos um dos mais conhecidos quadros da história, Monalisa, de Leonardo da Vinci, e um dos mais retrabalhados da internet. No exemplo, encontramos a tensão entre as semelhanças e as diferenças com o texto-fonte que Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam, sendo na transformação da produção original preservados alguns elementos como a tonalidade de cores e modificados outros com a inserção de novos objetos, como a máscara, por exemplo, e a ressignificação do propósito comunicativo da obra.

Ainda há um tipo especial de paródia chamada *détournement* que Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.140) consideram “não se tratar exatamente de uma citação dentro de um texto, mas é gerada a partir da alusão a trechos, segmentos de um texto-fonte, mas transforma parcialmente o trecho [...]”. Na maioria das vezes, o *détournement* apresenta um valor mais subversivo do que de captação, acontecendo essa manifestação da intertextualidade em textos de pequenos portes, não ocorrendo uma derivação completa do texto-fonte, mas apenas de alguns elementos linguísticos, como se pode observar no exemplo a seguir:

Figura 10 – Anúncio "O Quiabo veste prada"



Fonte: NEO AB (2012)

Pode-se afirmar que o anúncio publicitário acima com o auxílio dos recursos linguísticos e extralinguísticos alude ao filme “O Diabo Veste Prada” (2006), do diretor David Frankel. O *détournement* acontece através da relação e mudança do título do anúncio que alude ao filme de Frankel com o propósito de atrair mais clientes para o mercado hortifrúti e engajar a propaganda em questão.

Além disso, outros recursos intertextuais do anúncio com o filme podem ser notados, como a imagem do salto, no lado esquerdo, que tem contornos semelhantes com os recursos imagéticos da capa do filme. E junto a isso, pode-se inferir que a mudança da cor desse objeto que, inicialmente, é vermelho, ganha uma nova tonalidade no anúncio para o verde, cor genuína do quiabo, para efetivar a produção de sentido desse texto e as relações que ele executa.

Logo, a derivação que há no título do texto publicitário, junto a todas as mudanças dos elementos multimodais, auxilia na produção da intertextualidade, nesse caso do *détournement*.

Outra relação de hipertextualidade está compreendida naquilo que se diz respeito ao Travestimento Burlesco. Segundo Cavalcante (2012):

É justamente isso que define o travestimento burlesco, já que há uma transformação de um estilo, no caso, do que consideraríamos um texto sério, passível de referências, a um texto depreciativo, com tom eminentemente satírico: é como dar uma caricatura grotesca a um “nobre” (CAVALCANTE, 2012, p. 164).

Dessa forma, afirmamos que quando há a presença de um determinado intertexto através do travestimento burlesco, um determinado texto traveste-se modificando algumas características no que tange à estrutura textual, consequentemente, haverá a passagem de um texto-fonte com sua estrutura bem definida para um texto que pode manter o mesmo conteúdo que o texto inicial, mas com a estrutura/estilo burlado como podemos ver no exemplo a seguir:

Figura 11 – *Curriculum Vitae*

CURRICULUM VITAE
www.kibeloco.com.br

Luiz Inácio Lula da Silva
Endereço: Praça dos Três Poderes, s/nº
Palácio do Planalto - Brasília, DF.
cep: 70100-000
Telefone: (61) 211-1221 | e-mail: presidente@planalto.gov.br

Dados Pessoais
Data de Nascimento: 27 de outubro de 1945 (59 anos).
Natural de: Garanhuns (PE).
Estado civil: casado.

Formação Acadêmica
Pós-Graduação: não poçuo.
Graduação: não poçuo de novo.
2º grau: não poçuo.
Ginásio: incompreto.
Primário: esse eu poçuo.

Experiência Profissional
1957: Engraxate.
1959: "Office-boy" (Armazéns Gerais Columbia).
1962: Metalúrgico (Metalúrgica Aliança).
1966: Metalúrgico (Indústrias Villares).
1969: Suplente do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1972: Secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1975: Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1986 a 1987: Deputado Federal.
1989 a 2002: Desempregado.
2003: Presidente da República.

Informações Adicionais
Cursos e Seminários: Torneiro Mecânico (SENAI)
Português: fruenta.
Inglês: "Me not anderstend much. Tu xisburguer preaze!"
Noções de Informática: "Quando perdi meu dedo eu fiquei computador, serve?"
Hobby: "Tomar uns trago de quando em vez."

Luiz Inácio Lula da Silva
Luiz Inácio Lula da Silva

Fonte: Desciclopédia (2021)

Com caráter plenamente subversivo, espera-se que textos do gênero textual currículo sigam determinadas estruturas pré-estabelecidas para que se alcance o

objetivo do texto, que nesse caso é a contratação em algum emprego. No exemplo acima, pode-se afirmar que há mudanças significativas no que diz respeito à padronização da estrutura que, convencionalmente, regem os currículos.

Nesse viés, traços como o uso de expressões que vão de encontro com a gramática prescritiva da Língua Portuguesa e informações banais que podem ser consideradas prejudiciais para se alcançar o propósito comunicativo do gênero em questão são vistos como comprometedores à estrutura do currículo, pois esses dois aspectos – o bom uso da norma padrão e escolha por informações que sejam relevantes – são os que devem estar mais bem evidenciados para que se atinja o objetivo proposto do texto.

Além disso, as mudanças que são feitas na estrutura do texto não ocorrem sem nenhum objetivo. Como já mencionado, o travestimento burlesco tem pleno caráter subversivo, ou seja, de satirizar uma determinada entidade. No exemplo 11 há uma crítica à baixa escolaridade e acontecimentos ligados à vida do ex-presidente, Lula, que dentro do estilo padrão do currículo não deveria ocorrer como está apresentado, mas para que os efeitos de ironia e subversão sejam efetivados faz-se necessário aplicar essa derivação na estrutura do gênero em questão.

Porém, sabe-se que, na realidade, o verdadeiro currículo do ex-presidente Lula não está ligado a informações como expostas na figura 11, pois seria incoerente uma personalidade com tantos títulos, inclusive ofertados por universidades nacionais e internacionais, ter dados profissionais, pessoais e acadêmico tão superficiais e empobrecidos. Para isso, segue um *print* retirado do site Instituto Lula com parte da amostragem dos prêmios dados a ele:

Figura 12 - Prêmios e homenagens a Lula

Instituto Lula	O INSTITUTO	FORMAÇÃO	RECURSOS E PUBLICAÇÕES	LEGADO DE LULA	MEMÓRIAS DA DEMOCRACIA
Leia discurso de Lula na entrega do Troféu Perseverança 20/12/2021 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula ganha prêmio e dedica à coragem do povo brasileiro 17/11/2021 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula recebe 36º título de Doutor Honoris Causa 22/05/2020 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula recebe título de cidadão honorário de Paris 02/03/2020 CURTIR COMPARTILHAR					
Fundação de Direitos Humanos concede prêmio a Lula 21/01/2020 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula recebe prêmio George Meany-Lane Kirkland de Direitos Humanos 11/10/2019 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula recebe título de Cidadão Honorário de Paris 03/10/2019 CURTIR COMPARTILHAR					
Há oito anos, Lula recebia o primeiro de seus 35 títulos honoris causa 28/01/2019 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula ganha prêmio Chico Mendes 16/12/2018 CURTIR COMPARTILHAR					
Instituto Lula	O INSTITUTO	FORMAÇÃO	RECURSOS E PUBLICAÇÕES	LEGADO DE LULA	MEMÓRIAS DA DEMOCRACIA
Lula recebe homenagem da Câmara de Comércio Dinamarquês-Brasileira 15/07/2014 CURTIR COMPARTILHAR					
Universidade americana concede medalha Knowledge Advancing Social Justice 29/05/2014 CURTIR COMPARTILHAR					
Prêmio Apex-Brasil: Lula é homenageado por contribuição ao comércio exterior 29/05/2014 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula recebe título de doutor honoris causa pela Universidade de Aquino, na Bolívia 21/05/2014 CURTIR COMPARTILHAR					
Lula é agora cidadão de Santo André 30/04/2014 CURTIR COMPARTILHAR					
"Tivemos que enfrentar o preconceito das elites, que nunca confiaram na capacidade de Lula, Doutor Honoris Causa de Salamanca" 23/04/2014 CURTIR COMPARTILHAR					
Estudantes homenageiam Lula na UFABC 05/12/2013 CURTIR COMPARTILHAR					
"Este é o título mais marcante e importante da minha vida", exaltou Lula ao receber o título da UFABC 04/12/2013 CURTIR COMPARTILHAR					

Fonte: Instituto Lula (2022)

Logo, no travestimento burlesco, percebemos que a função/conteúdo do texto, nesse caso do currículo, permanece, porém o estilo em que o texto é organizado é burlado com objetivos plenamente satíricos como afirma Koch, Bentes e Cavalcante (2007), além da carga ideológica marcada na referida subversão, conteúdo manipulado por produtores ligados a partidos políticos com objetivos ideológico-partidários e propósitos comunicativos dessa natureza. Entretanto, neste trabalho, não nos debruçamos sobre a categoria da ideologia para realizarmos uma análise aprofundada.

Por fim, podemos elencar o pastiche como o último tipo de hipertextualidade tratada nesse subtópico. Podemos pensar que essa relação também atua no que diz respeito à derivação de um texto-fonte em outra produção, porém ela se diferencia dos dois tipos já vistos (paródia e travestimento burlesco) por uma característica particular: a imitação.

Nesse panorama, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam:

Diferentemente da paródia, que intenta deformar um determinado conteúdo, o pastiche se constrói pela imitação de um estilo, isto é, não pela repetição das características formais de um gênero, como ocorre com os textos parodiados, mas pelo arremedo do estilo de um autor, dos traços de sua autoria (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 141).

Dessa forma, o pastiche é uma reprodução fiel de um determinado estilo, e na maioria dos casos, reprodução de um estilo de um determinado sujeito, seja com um valor mais de captação ou de subversão. Nesse caso, para exemplificar, podemos pensar em duas grandes obras da literatura, uma situada na escola literária Humanismo, *O Auto da Barca do Inferno* (1517), de Gil Vicente, e outra encontrada na terceira geração do modernismo brasileiro, *O Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna.

É perceptível que a obra de Suassuna imita o estilo encontrado na obra de Gil Vicente. O humanista da idade média popularizou o teatro medieval com as peças de cunho crítico, satírico e moralizante, a obra em questão coloca em pauta o julgamento de um Fidalgo pelo Diabo e o Anjo implicando na sua condenação e embarque na barca do inferno.

Apesar de a obra modernista apresentar alguns pontos distintivos, Suassuna reproduz com muita semelhança o estilo da peça medieval, abordando traços em seu texto que dialogam piamente com a produção de Gil Vicente, como, por

exemplo, a presença de personagens representando o bem e o mal, em *O Auto da Barca do Inferno*: anjo e diabo, em *O Auto da compadecida*: Jesus - Virgem Maria e o demônio, evidenciando interesses por temas moralizantes assim como o humanista, e a estruturação do texto em forma de um roteiro de peça assim como Gil Vicente fez em sua obra de 1517.

Além disso, Ariano Suassuna enfatizou um dos mesmos temas que o autor medieval selecionou para nortear sua obra que é a moral do ser humano. Esse aspecto é preponderante para a construção da maioria dos personagens do modernista que se espelham nas personalidades medievais e favorece para a construção de sentido em ambas as obras.

Destarte, todos os tipos de hipertextualidade apresentadas nesse subtópico se manifestam através da realização da derivação do texto-fonte em uma nova produção textual, algumas com caráter de captação, outras com caráter de subversão, mas sempre modificando (parte do) o texto e, conseqüentemente, formando novas produções.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA E ANÁLISES

Nesta seção, serão tratados os traços que caracterizam a metodologia da pesquisa, delimitando a natureza adotada para o trabalho e as etapas de sua construção; a constituição do *corpus*; e as análises do gênero textual, enfatizando o processo de intertextualidade presente nos referidos Memes.

4.1 Caracterização da Pesquisa

O presente trabalho apresenta abordagem metodológica qualitativa, pois ele se detém na qualidade da interpretação e descrição do objeto de estudo da pesquisa em questão, não elegendo a quantificação como instrumento relevante para a análise dos dados. Além disso, não há estimativa de resultados bem definidos, utilizando-se de questões norteadoras, como, por exemplo: É possível um Meme dialogar com alguma outra produção textual de diferente contexto? Se sim, quais as relações intertextuais presentes nos Memes da internet (do *corpus* da pesquisa)? A intertextualidade é o principal fator da textualidade encontrada nas narrativas meméticas?

Desse modo, Paiva (2019, p. 13) afirma que as formas de análise de uma pesquisa qualitativa “incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interação, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística.”, e todos esses procedimentos de compreensão, interação e análises de produções, bem como os resultados que foram traduzidos em conceitos/ideias são seguidos no presente trabalho confirmando sua natureza mais qualitativa em detrimento da quantitativa.

Este estudo apresenta procedimentos qualitativos com ênfase na pesquisa bibliográfica, já que boa parte dos conceitos apresentados foram obtidos através de uma revisão de literatura com a seleção de informações já existentes e contextualização dos dados encontrados para a fomentação do objetivo central da pesquisa, e objetivo descritivo, pois os dados são analisados e descritos cuidadosamente através do entendimento dos fatos.

O aporte teórico da pesquisa concentra-se, principalmente, em Marcuschi (2008), Koch e Elias (2008, 2009) no que se refere ao tratamento com os gêneros

textuais. Em relação ao gênero textual Meme foram evocados estudos cunhados por Dawkins (2007), Recuero (2009) e Melo Júnior, Morais e Santos (2020). Quanto à conceituação de intertextualidade e de suas manifestações, foram usados como fundamentação os conceitos desenvolvidos por Koch e Elias (2008), Cavalcante (2012), Koch, Bentes e Cavalcante (2007) e Samoyault (2009).

Os Memes coletados para a análise foram retirados da internet. Páginas abertas de redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e afins serviram como meio de pesquisa das produções meméticas utilizadas neste trabalho. Todos os Memes aqui analisados compartilham da mesma perspectiva: abordagens políticas no cenário do atual governo do país.

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho foram assim estabelecidos:

- a) Revisão da literatura a respeito da concepção de gênero textual, a compreensão da contextualização do gênero Meme e ainda a intertextualidade como fator preponderante na constituição das narrativas meméticas;
- b) Análise de Memes da internet, observando o contexto sociocomunicativo e as relações intertextuais presentes no referido gênero textual.

4.2 Constituição do *Corpus*

Para analisarmos as relações intertextuais presentes nos Memes da internet, foi necessário coletarmos amostras de produções digitais do gênero textual em questão.

Recolhemos 30 memes da internet e esses são considerados os mais reproduzidos na rede no que se referem à presidência do Brasil. A escolha pela temática é justificada, primeiramente, pela aproximação do autor deste trabalho com reproduções de textos e situações políticas através das narrativas meméticas bem como pela grande circulação desses Memes, no mandato do atual presidente, satirizando e criticando o governo. A coleta ocorreu durante os meses de setembro a novembro de 2021 em perfis de redes sociais públicas como já supracitado.

Os Memes foram escolhidos para serem analisados e a partir disso as relações intertextuais encontradas. Para este trabalho, trouxemos a amostragem de seis Memes.

É possível afirmar que as produções meméticas possuem diversos formatos de apresentação. Os Memes analisados são os mais conhecidos em redes sociais e seguem uma estrutura similar com a forma *Image Macro*¹, ou seja, uma pequena legenda na parte superior, uma imagem de destaque ao centro em que, geralmente, encontra-se nela o ponto de mais significação desse gênero textual, e, frequentemente, outra legenda na parte inferior, formando, portanto, a estrutura organizacional do Meme.

O gênero textual Meme foi eleito para ser, junto à intertextualidade, tema central deste trabalho, porque seu uso tem sido recorrente, nos últimos anos, em todos os contextos comunicativos da sociedade, por muitas pessoas de todas as idades, sexo e ideologias. Além de portar um caráter autêntico e capaz de se replicar para outras realidades ressignificando, em cada uma delas, seus sentidos, os Memes da internet se comportam como elo entre muitas outras produções textuais e discursivas, tendo como objetivo ridicularizar, persuadir, fazer menção a algo ou a alguém, criticar e entre muitas outras finalidades.

Sendo assim, este trabalho apresenta-se relevante, pois oferta possibilidade a estudiosos da linguagem e a qualquer leitor aprofundarem seus conhecimentos acerca dos Memes e suas propriedades, bem como identificar a relação que as narrativas meméticas estabelecem com outros textos físicos ou virtuais, além de desmistificar ideias superficiais sobre o conceito dos Memes da internet, colocando-os, de fato, como gênero textual e não como uma produção banal e sem significações.

4.3 Análise: a intertextualidade no gênero Meme

Para fazermos as análises, selecionamos 06 Memes, pois entendemos que a manifestação da intertextualidade seja mais latente e, a partir disso, comprovamos que as relações intertextuais são importantes características constituintes do gênero em questão.

As análises foram feitas da seguinte maneira: a princípio, uma contextualização do Meme; após, a análise da relação intertextual presente na

¹ O termo “*image macro*” surgiu no fórum Something Awful, em 2004, e se refere ao meme que consiste em uma imagem com uma legenda sobreposta. Sua popularidade decolou, no entanto, no 4chan e ganhou vida própria com os LOLcats em 2006.

produção e a sua justificativa. Por fim, fazemos uma síntese de todas as relações intertextuais encontradas, validando a hipótese de que todos os Memes são formados a partir da intertextualidade, e o porquê as produções analisadas são classificadas como Memes.

4.3.1 Análise do meme 01

O primeiro Meme foi encontrado no perfil aberto: Memes contra Bolsonaro, página de sátira do *Facebook*, e publicado no dia 08 de fevereiro de 2020. A produção visa tecer uma crítica ao presidente da república, comparando-o com uma praga bíblica pelas atrocidades feitas no seu (des) governo.

Dessa forma, como as pragas enviadas por Deus devastavam os cenários em que se encontravam, o Brasil, na data em questão da publicação, já passava pelos primeiros casos da proliferação da Covid-19 e poucas medidas eram tomadas pelo chefe do Estado, logo, a nação ia aos poucos sendo devastada pelo vírus e pela irresponsabilidade dos dirigentes do país.

Figura 13 – Meme 01



Fonte: MCB (2020)

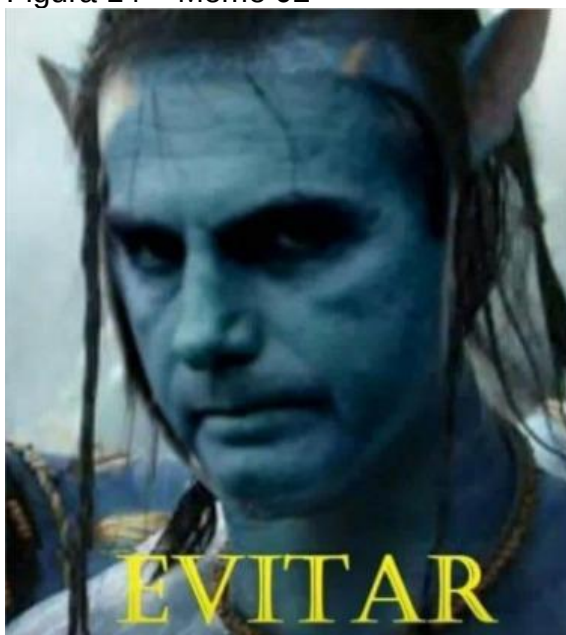
A partir do Meme acima, podemos compreender que essa produção estabelece vínculos intertextuais com a narrativa bíblica presente no livro do Êxodo (Êx 10, 4-5), formalizados pela relação de intertextualidade explícita de co-presença do tipo referência, pois observa-se, no texto, que o intertexto se concretiza pela a remissão de dois personagens encontrados nas escrituras: Deus e os gafanhotos.

Logo, apesar de não serem evidenciadas citações diretas ou usos tipográficos, como aspas, a remissão aos nomes dos personagens nos faz pensar que é essa a característica mais marcante da referência na figura 12, já que o intertexto nos reporta ao texto bíblico das pragas egípcias, sendo trazido de forma sarcástica, crítica e também humorística no Meme em questão.

4.3.2 Análise do meme 02

O segundo Meme foi encontrado na rede social *Tweet*, no perfil Humor Político, publicado no dia 23 de novembro de 2021. A narrativa memética a seguir comunga com a obra fictícia “Avatar” que foi produzido tanto nos cinemas, no ano de 2009, e direção de James Cameron, quanto com o livro “A Ciência de Avatar”, publicado em 2015, de Stephen Baxter. Desse modo, a produção visa uma crítica direta ao presidente da república com um trocadilho feito na substituição de um dos fonemas e do personagem principal.

Figura 14 – Meme 02



Fonte: Humor político (2021)

Observando as relações que o Meme acima tem com as obras já supracitadas, afirmamos que o texto em análise deforma o texto-fonte, criando uma produção concretizada em um intertexto que se concentra no limbo entre as diferenças e as semelhanças da narrativa memética com a obra “Avatar”.

Dessa forma, encontramos, no Meme em questão, a presença da relação intertextual por derivação do tipo paródia, porque percebemos que o texto já preexistente foi retrabalhado com uma transformação do personagem principal, Avatar caracterizado de Bolsonaro, e do nome do filme/livro, com a substituição do fonema /a/ pelo /e/. Ademais, é de extrema importância que nesse tipo de relação intertextual, o leitor ative seus conhecimentos de mundo para reconhecer a presença do intertexto e relacione-o com a obra original.

4.3.3 Análise do meme 03

O Meme 03 foi encontrado na plataforma *GitHub* e publicado no dia 07 de maio de 2019. O texto é rico em informações que se materializam através da união da linguagem verbal e não verbal. Portanto, para compreendê-lo, faz-se necessário interpretar o que está sendo posto pelas palavras e imagens. Além disso, a produção que será apresentada relaciona-se diretamente com o célebre pensamento do químico Antoine-Laurent de Lavoisier.

Figura 15 – Meme 03



Fonte: Nascimento (2019)

Nessa produção, podemos observar um caso claro da relação intertextual de co-presença explícita do tipo citação. No Meme, percebemos a menção exata do fragmento de Lavoisier, além disso observamos as aspas que são marcas tipográficas características dessa relação.

Logo, entendemos que o texto memético se fundamenta no químico para garantir a crítica de que o presidente e seus atos políticos seriam embasados e reutilizados através de influências nazistas de Adolf Hitler, assim como Lavoisier

afirma que no mundo tudo pode ser transformado. Com isso, percebemos que a produção garante a intertextualidade, dando mais autoridade e veracidade de informações causadas pelo uso da citação.

4.3.4 Análise do meme 04

O quarto Meme foi encontrado no *Tweet*, no perfil aberto Bielgoulartp, e publicado no dia 17 de agosto de 2018. A produção que será analisada começou a ser compartilhada na internet, após o debate com os presidentiáveis na emissora de televisão brasileira RedeTv. Na ocasião, o então candidato em tela não apresentava uma boa desenvoltura nas respostas às perguntas feitas e um discurso não consistente aos temas sorteados para o debate. Dessa forma, houve uma repercussão negativa nas redes, gerando Memes como o que será analisado a seguir.

Figura 16 – Meme 04



Fonte: Goulart (2018)

Ao observarmos o presente texto, rapidamente, nosso conhecimento enciclopédico é ativado e somos reportados para o provérbio popular: “Mente vazia é oficina do diabo.” A partir disso, podemos inferir que estamos diante de um caso especial de intertextualidade que é classificada como *détournement*, um tipo particular de paródia. Essa relação visa uma pequena deformação de pequenos textos como, por exemplo, os provérbios populares.

Aqui, vemos que o vocábulo diabo foi trocado por Bolsonaro para garantir sátira no sentido que o Meme quer provocar nos leitores. Dessa forma, essas personalidades são aproximadas, sugerindo aos leitores que pessoas com mentes

vazias, ou seja, com pouco esforço de pensamento crítico, são facilmente manipuladas por figuras negativas.

Essa transformação que ocorre no texto-fonte, como a substituição de palavras, é sutil, porém não impede que o texto apresente argumentos e discursos bem definidos, já que as modificações feitas nos fragmentos ressignificam o contexto de produção, orientando para novas significações e sentidos.

4.3.5 Análise do meme 05

O próximo Meme a ser analisado foi encontrado no *Instagram*, através do perfil Unidosdemãosdadas, postado no dia 09 de julho de 2021. Ao observá-lo, é possível perceber a relação feita com a teoria da evolução das espécies, tratada em obras como “A Origem das Espécies”, formulada pelo cientista Charles Robert Darwin. Além disso, a narrativa visa uma crítica humorística no que diz respeito ao retrocesso que o Brasil está tendo no decorrer dos mandatos presidenciais, o que teoricamente vai de encontro com o pensamento do cientista, pois é natural que as espécies evoluam no cenário em que vivem e não regridam como vemos a seguir:

Figura 17 – Meme 05



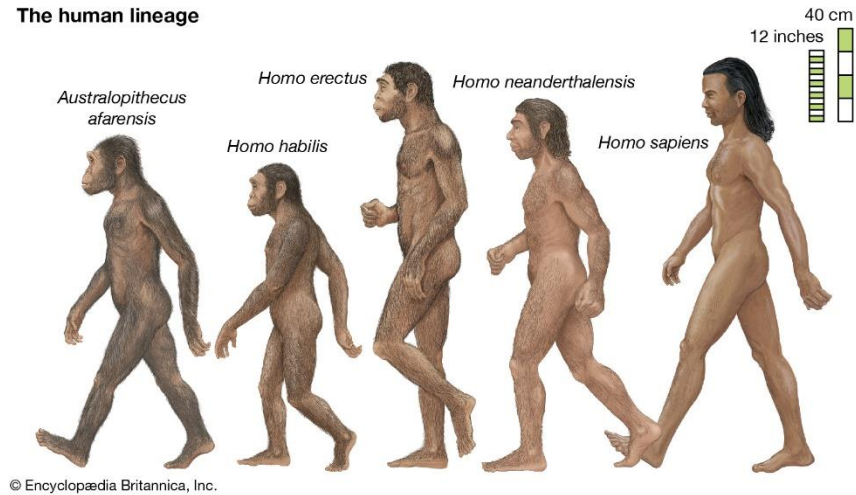
Fonte: Unidos contra Bolsonaro (2021)

A partir do texto, encontramos uma relação de derivação do tipo travestimento burlesco. De pleno caráter subversivo, o Meme acima nada mais é do que uma

reprodução grotesca da imagem que denota a linhagem humana reproduzida em muitos livros de ciências da educação básica e afins, como observamos abaixo:

Figura 18 – Linhagem humana

The human lineage



© Encyclopædia Britannica, Inc.

Fonte: Encyclopædia britannica (2021)

Nesse panorama, entendemos que o conteúdo do texto-fonte foi preservado, ou seja, os dois textos mantêm a finalidade de tratar a evolução da humanidade, porém, observamos que o Meme modifica o estilo e a estrutura de um texto autêntico para uma produção de caráter satírico e humorístico como afirma Koch; Bentes e Cavalcante (2007, p. 140) “Passa-se de um estilo (leia-se melhor: de um registro) nobre a um vulgar, burlesco, promovendo a decadência de um mito.”.

4.3.6 Análise do meme 06

Figura 19 – Meme 06



memecrata
@memecrata

Bolsonaro revela cor que vai usar no réveillon:

-É laranja taokey!?



Fonte: Memecrata (2021)

O último Meme que será analisado foi retirado do perfil Memecrata, da rede social *Instagram*, publicado no dia 31/12/2021. Ele é uma crítica direta a Bolsonaro, sugerindo o envolvimento do presidente em operações ilegais como sonegação fiscal, lavagem de dinheiro e atos de corrupção contra a administração pública. Popularmente, pessoas físicas ou jurídicas que cometem os crimes supracitados são chamadas de laranjas, portanto, a produção a seguir relaciona-se com muitos textos informativos, como os do gênero notícia, que tratam sobre a manifestação dos laranjas na política brasileira.

No Meme em questão, percebemos a relação intertextual de co-presença implícita do tipo alusão. Tecendo uma análise do texto, não vemos nenhuma marca explícita sobre as operações feitas por laranjas em nosso país que nos levem ao texto-fonte, que seriam as notícias acerca dos crimes cometidos pelos políticos e a origem dos crimes dessa espécie, como por exemplo, vemos na notícia intitulada: “Uso do termo 'laranja' para designar ocultação de bens tem origem incerta” (SALOMÃO, 2016), publicada pelo *site* G1 notícias, no dia 31/01/2016.

Porém, é possível reconhecer o intertexto através das alusões feitas no Meme como a cor da roupa vestida pelo Chefe do Estado, o próprio uniforme em que ele está vestido, o local e a forma como ele aparece na produção. Todas essas pistas textuais nos fazem perceber que estamos diante de um laranja como lemos na notícia anterior e em muitas outras afins. Vale ressaltar que os leitores só conseguirão fazer essa relação, se, previamente, eles tiverem algum contato com as notícias ou, minimamente, com o termo que vem sendo usado no contexto político. Dessa forma, por ter características implícitas, quando estamos diante da alusão, faz-se necessário que o leitor estimule seu conhecimento enciclopédico para a promoção de sentido.

4.4 Considerações das Análises

Chegando ao fim desta seção, podemos postular duas ideias, a primeira é que todas as produções analisadas são de fato Memes, pois suas estruturas sobrevivem a partir da ideia de reapropriação como afirma Blackmore (2000), já que todas as produções analisadas foram feitas a partir da imitação de estilos de textos, de estruturas e contextos já existentes.

Além do mais, percebemos que os Memes fazem parte da cultura participativa, pois eles permitem que quaisquer pessoas participem do processo de criação, reprodução e imitação, além de serem altamente difundidos na sociedade e rápidos no compartilhamento de informações nas redes sociais.

A segunda é a resposta de uma das questões norteadoras levantadas durante a produção deste trabalho: a intertextualidade é uma característica chave na formação de sentido dos Memes da internet, pois ela absorve os conteúdos antigos e ressignifica-os em novos, mantendo uma relação de diálogos entre o texto-fonte e intertexto, aqui, concretizado no Meme. Logo, concluímos que as relações intertextuais são, de fato, marcas constituintes do gênero textual em questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou corroborar com os estudos da linguagem numa perspectiva linguístico-textual através de estudos sobre a constituição da intertextualidade como fator primordial na formação e significação das narrativas meméticas presentes na internet.

Dessa forma, suas duas primeiras seções se debruçaram em teorizar os conceitos sobre Gênero Textual, Memes e Intertextualidade e suas manifestações abordados com fervor no desenvolvimento do trabalho. Por fim, a terceira seção apresentou a metodologia abordada pela pesquisa, caracterizando-a como qualitativa, além de apresentar seis Memes, nos quais foi observada a manifestação intertextual presente.

Percebeu-se que os Memes, instrumentos virais, trabalham com elementos da textualidade, com maior ênfase na intertextualidade, em um processo de identificação e tipificação coletiva, demonstrando a construção de sentido que é possível edificar nestas produções. Dessa forma, vimos que não se trata apenas de uma forma de entretenimento para algum determinado público nas redes sociais, mas de uma reflexão acerca das relações que esse gênero exerce sobre outros e sobre a sociedade.

Além disso, os estudos também evidenciam que as produções meméticas são eivadas de multissignificação, longevidade, fidelidade e fecundidade. Tais características podem ser percebidas pelos leitores através de seu repertório bibliográfico e conhecimento enciclopédico. Nesse viés, os indivíduos que não possuem uma ampla experiência de mundo, dificilmente, captarão os sentidos construídos no gênero em questão.

Constata-se que os processos intertextuais e as múltiplas vozes estão presentes no referido gênero, promovendo uma interação entre a produção textual e o leitor, não limitando o gênero a um processo de decodificação ou extração do pensamento do autor. Assim, não é de muito interesse perceber como os Memes estarão representados ou as temáticas que eles abordarão, em todos eles existe uma interligação entre textos midiáticos, existindo através de processos intertextuais, que é responsável pela produção de sentido do gênero Meme.

Pode-se compreender, então, que as técnicas intertextuais vão muito além da linguagem presente nos textos verbais, no caso dos Memes, é indispensável que o

leitor indague o vínculo das relações de intertextualidade e seus tipos com as demais imagens que o compõe para que seja possível uma compreensão mais ampla dos sentidos produzidos pelo gênero textual.

Nesse sentido, acreditamos que conseguimos responder às questões norteadoras: Os Memes da internet podem ser classificados como gênero textual? A intertextualidade é, de fato, elemento constituinte e preponderante para formação e significação desse gênero? E qual a função social do gênero textual em pauta?

Em vista disso, ao analisarmos o *corpus*, pudemos concluir que os Memes da internet podem ser classificados como gêneros já que são estruturas dinâmicas que promovem a comunicação e interação social. A intertextualidade é uma ferramenta linguístico-comunicativa indispensável para a construção das narrativas digitais, uma vez que todas elas apresentaram, minimamente, uma relação de intertextualidade. E não somente o humor é a função social dos Memes, mas a sátira, afirmação de identidade, local de fala de alguns grupos e, especialmente, nos textos cujas temáticas são voltadas a política, como os apresentados neste trabalho, a crítica.

Assim, confirmamos todas as hipóteses levantadas através das questões norteadoras: Memes são gêneros textuais que abrigam a intertextualidade como principal fator da textualidade na construção de sentido desse gênero e sua natureza permite que diferentes tipos de Memes tenham várias manifestações intertextuais.

Além disso, os objetivos gerais e específicos que evidenciam os Memes da internet como conteúdos que circulam e disseminam aspectos, facilmente, imitados, estabelecendo relações com produções já existentes e permitindo novas reproduções e transformações sobre eles, foram confirmadas e, logo, o problema proposto, inicialmente, foi resolvido.

Por fim, a partir deste trabalho, podemos compreender a formação de estilo e de sentidos dos Memes da internet através das relações de intertextualidade presentes nele, sejam elas de co-presença (explícita ou implícita) ou de derivação. Além disso, acreditamos, também, que o presente trabalho pode contribuir para que estudiosos da linguagem e quaisquer leitores utilizem os conhecimentos produzidos como meio de facilitar o estudo e a compreensão dos Memes e suas relações intertextuais presentes nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Tiago Cisneiros Barbosa de. “Quando penso em você...”: conheça a polêmica de plágio que envolve Cecília Meireles e Raimundo Fagner. **Livro leve solto**. [S. l.], 07/11/2014. Disponível em: <https://livrolevesolto.wordpress.com/2014/11/07/quando-penso-em-voce-conheca-a-polemica-de-plagio-que-envolve-cecilia-meireles-e-raimundo-fagner/>. Acesso em: 26 maio 2022.
- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Reino Unido, OUP: Oxford, 2000.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DEQUINHA, Andreia. Atividade sobre o anúncio publicitário “Banho e Tosa”. **Arte & Manhas da Língua**. [S. l.], 12 out. 2019. Disponível em: <https://arteemanhasdalingua.blogspot.com/2019/10/atividade-sobre-o-anuncio-banho-e-tosa.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- DESCICLOPÉDIA. Luif Ignoráf fio Mula da filva. **Desciclopédia**. [S. l.], 30 dez. 2021. Disponível em: http://desciclo.pedia.ws/wiki/Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva. Acesso em: 15 jul. 2021.
- DESENHOS DO NANDO. **Garoto propaganda**. [S. l.], 17 jul. 2020. Twitter: @desenhosdonando. Disponível em: <https://twitter.com/desenhosdonando/status/1284116050292936704/photo/1>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. The human lineage. **Britannica**. [S. l.], [2021]. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/human-evolution#/media/1/275670/73009>. Acesso em: 06 dez. 2021.
- GOMIDE, Viviane. Tirinha do dia: Filipe e a preguiça. **Words of leisure**. [S. l.], 16 jun. 2013. Disponível em: <https://wordsofleisure.com/2013/06/15/tirinha-do-dia-filipe-e-a-preguica/>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- GOULART, Gabriel. **Só passando para lembrar #DebateRedeTV**. [S. l.], 17 ago. 2018. Twitter: @bielgoulartp. Disponível em: <https://twitter.com/bielgoulartp/status/1030644106257686528?s=20>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- HUMOR POLÍTICO. **#Memes**. [S. l.], 23 nov. 2021. Twitter: @HumorPoliticobr. Disponível em: <https://twitter.com/humorpoliticobr/status/1463180929422307332?s=21>. Acesso em: 29 nov. 2021.

JORNAL NACIONAL. Bolsonaro veta parte de lei que determina o uso de máscaras em locais públicos. **G1 Jornal Nacional**. [S. l.], 03 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/03/bolsonaro-veta-parte-de-lei-que-determina-o-uso-de-mascaras-em-locais-publicos.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2021.

KOHC Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

KOHC, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOHC, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de; MORAIS, Eduardo Pantaleão de; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Aspectos Retóricos No Gênero Textual Meme Na Internet. **fólio – Revista de Letras**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 49-79, 2020.

MEMECRATA. **Bolsonaro revela cor que vai usar no réveillon [...]**. [S. l.], 31 dez. 2021. Twitter: @memecrata. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYJ0F34LHKQ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 05 jan. 2022.

MEMES CONTRA BOLSONARO (MCB). **Ué, né?** [S. l.], 08 fev. 2020. Facebook: Memes contra Bolsonaro. Disponível em: <https://www.facebook.com/memescontrabolsonaro/photos/a.1007353549454918/1367581886765414/?type=3>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MENEZES, Dali. **21 de maio – Dia do Profissional de Letras [...]**. [S. l.], 21 maio 2014. Facebook: DaLíngua Portuguesa. Disponível em: <https://www.facebook.com/dalinguaportuguesa/photos/a.419036331450634/744564662231131/?type=3>. Acesso em: 21 jul. 2021.

MING, Yao. Vêi, tenho vontade de ter muito dinheiro. **KD imagens**. [S. l.], 2016. Disponível em: <http://kdimagens.com/imagem/vei-tenho-vontade-de-ter-muito-dinheiro-198>. Acesso em: 22 jul. 2021.

NASCIMENTO, Jean Carlos (suíça). Bolsominions-arrepentidos / memes.md. **Why GitHub** [S. l.], 07 May 2019. Disponível em: <https://github.com/suissa/bolsominions-arrepentidos/blob/master/memes.md>. Acesso em: 30 nov. 2021.

NEO AB. Hortifruti: Cartazes inspiradíssimos! **Neo AB**. [S. l.], 28 jun. 2012. Disponível em: <http://neoab.blogspot.com/2012/06/hortifruti-cartazes-inspiradissimos.html>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PRADO, Isabelle. Hora do Planeta. **Behance**. [S. l.], 28 maio 2014. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/17237771/Hora-do-Planeta>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PRÊMIOS E HOMENAGENS. **Instituto Lula**. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://institutolula.org/premios>. Acesso em: 26 maio 2022.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALOMÃO, Lucas. Uso do termo 'laranja' para designar ocultação de bens tem origem incerta. **G1**. Brasília, 31 jan. 2016. Disponível em: <http://glo.bo/1UzSbM2>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SIMÃO, José. **Oba! Saiu a nota de 89mil!** [S. l.], 24 ago. 2020. Twitter: @jose_simao. Disponível em: https://twitter.com/jose_simao/status/1298064347915341825?s=19. Acesso em: 20 set. 2020.

TUHLINSKI, Camila. Estudantes usam novo coronavírus para visitar quadros de pintores famosos. **Estadão**. São Paulo, 07 maio 2020. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,estudantes-usam-novo-coronavirus-para-visitar-quadros-de-pintores-famosos,70003294274>. Acesso em: 15 set. 2020.

UNIDOS CONTRA BOLSONARO. **Assim caminha a humanidade**. [S. l.], 09 jul. 2021. Instagram: @unidosdemaosdadas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CRG5iByLZwj/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 30 nov. 2021.

VOCÊ é brasileiro? [...]. [S. l.], 12 set. 2019. Twitter: @clckworkangell. Disponível em: <https://twitter.com/clckworkangell/status/1172245003311165456>. Acesso em: 24 jul. 2021.

ANEXO A – NOTÍCIA DO VETO DE MÁSCARAS

Bolsonaro veta parte de lei que determina o uso de máscaras em locais públicos

Presidente isentou a obrigatoriedade em comércios, escolas, igrejas e templos por considerar violação de domicílio.

Por Jornal Nacional

03/07/2020 21h41 Atualizado há um ano

O presidente Jair Bolsonaro vetou a obrigação de uso de máscaras no comércio, em escolas, igrejas e templos.

O presidente Jair Bolsonaro sancionou a lei aprovada pelo Congresso. Ele manteve a obrigação para o uso de máscaras para transporte público coletivo, veículos de transporte, como aplicativos e táxis; ônibus, aviões e embarcações. E vetou 17 pontos deixando a lei mais branda.

Assim, acaba a obrigação de usar máscara em estabelecimentos comerciais, indústrias, igrejas e templos. E até em escolas e universidades e em demais locais fechados em que haja reunião de pessoas.

A justificativa de Bolsonaro é que este ponto da lei poderia ser considerado violação de domicílio, porque inclui um entendimento amplo de locais não abertos ao público. Bolsonaro também vetou a obrigação de o poder público distribuir máscaras de graça para a população pobre e fazer campanhas sobre a necessidade da máscara. Além da aplicação de multa para quem não usar máscara.

A lei federal serve de referência para todo o país. Mas em abril, o Supremo Tribunal Federal decidiu que as medidas do governo federal não afastam a competência dos estados e municípios. Assim, nesse momento de pandemia, o cidadão deve seguir o que está determinado no local onde mora, principalmente se as regras sobre o uso da máscara forem mais rígidas.

"O fato de a União criar esse padrão mínimo nacional não desautoriza a legislação estadual ou municipal, que dentro da sua esfera de abrangência tem imposto alguma exigência mais rigorosa", explica o advogado constitucionalista Eduardo Mendonça.

Logo depois dos vetos do presidente, o PDT pediu que o Supremo Tribunal Federal determine a obrigatoriedade do uso de máscaras no comércio, templos, escolas e indústrias. De acordo com "o partido, o veto do presidente ostenta caráter permissivo para que as pessoas não utilizem máscara em locais de grande circulação, descumpram normas locais, o que poderá intensificar o contágio do novo coronavírus nos rincões do país".

O autor da lei disse que o Congresso ainda pode derrubar os vetos. "O Congresso tem feito o seu trabalho diante do combate do coronavírus. Na minha opinião, use máscara", disse o deputado Pedro Lucas Fernandes (PTB/MA).

Senadores de vários partidos comentaram os vetos de Bolsonaro. "É um péssimo exemplo pra sociedade. É o governo não colocando à disposição da população mecanismos pra protegê-la", disse o senador Major Olímpio (PSL-SP).

O presidente Jair Bolsonaro já saiu às ruas diversas vezes sem máscara. Em junho, uma decisão da Justiça Federal determinou que ele use a máscara no Distrito Federal. Mas a Advocacia-Geral da União derrubou a decisão no Tribunal Regional Federal, alegando que Bolsonaro deve sim respeitar a regra, mas que não poderia ser tratado de forma diferente dos outros cidadãos que também foram flagrados não usando a máscara.

O médico sanitário da Fiocruz Cláudio Maierovitch destacou que é importante uma mensagem clara dos governantes. "Se uma autoridade fala uma coisa e a outra fala outra, as pessoas se sentem na possibilidade de optar por aquilo que parece mais conveniente ou confortável. E aí nós temos uma confusão geral e aumenta a propagação da doença. Só vai ser possível enfrentar essa epidemia se nós tivermos uma coesão da sociedade em torno das medidas que são necessárias", explicou.

Pesquisadores da USP analisaram as taxas de transmissão do início da pandemia em cada cidade e concluíram que a combinação de distanciamento e máscara ajuda

a conter a doença. Em São Paulo, chegou a reduzir o contágio em 15%. Em Brasília, quase 25%.

Raquel Stucchi, consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia, disse que a máscara se tornou um item obrigatório. "Não tem discussão sobre a importância do uso de máscaras. O coronavírus veio para ficar. Se não tivermos uma vacina eficiente, o uso de máscaras, principalmente no período onde há maior circulação do coronavírus, que a gente supõe que seja nos meses de inverno, veio para ficar. E nós estamos no Brasil iniciando o nosso inverno, então usar a máscara é um hábito que devemos incorporar", disse

ANEXO B – MARCHA DE CECÍLIA MEIRELES

Marcha – Cecília Meireles

As ordens da madrugada
romperam por sobre os montes:
nosso caminho se alarga
sem campos verdes nem fontes.
Apenas o sol redondo
e alguma esmola de vento
quebraram as formas do sono
com a idéia do movimento.

Vamos a passo e de longe;
entre nós dois anda o mundo,
com alguns vivos pela tona,
com alguns mortos pelo fundo.
As aves trazem mentiras
de países sem sofrimento.
Por mais que alargue as pupilas,
mais minha dúvida aumento.

Também não pretendo nada
senão ir andando à toa,
como um número que se arma
e em seguida se esboroa,
-- e cair no mesmo poço
de inércia e de esquecimento,
onde o fim do tempo soma
pedras, águas, pensamento.

Gosto da minha palavra
pelo sabor que lhe deste:
mesmo quando é linda, amarga
como qualquer fruto agreste.
Mesmo assim amarga,
é tudo que tenho,
entre o sol e o vento:
meu vestido, minha música,
meu sonho, meu alimento.

Quando penso no teu rosto,
fecho os olhos de saudades;
tenho visto muita coisa,
menos a felicidade.
Soltam-se os meus dedos tristes,
dos sonhos claros que invento.
Nem aquilo que imagino
já me dá contentamento.

Como tudo sempre acaba,
oxalá seja bem cedo!
A esperança que falava
tem lábios brancos de medo.
O horizonte corta a vida
isento de tudo, isento...
Não há lagrima nem grito:
apenas consentimento.

ANEXO C – CANTEIROS DE FAGNER

Canteiros - Fagner

Quando penso em você
Fecho os olhos de saudade
Tenho tido muita coisa
Menos a felicidade

Correm os meus dedos longos
Em versos tristes que invento
Nem aquilo a que me entrego
Já me dá contentamento

Pode ser até manhã
Cedo, claro, feito o dia
Mas nada do que me dizem
Me faz sentir alegria

Eu só queria ter do mato
Um gosto de framboesa
Pra correr entre os canteiros
E esconder minha tristeza

E eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza
E deixemos de coisa, cuidemos da vida
Pois senão chega a morte
Ou coisa parecida
E nos arrasta moço
Sem ter visto a vida

Eu só queria ter do mato
Um gosto de framboesa
Pra correr entre os canteiros
E esconder minha tristeza

E eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza
E deixemos de coisa, cuidemos da vida
Pois senão chega a morte
Ou coisa parecida
E nos arrasta moço
Sem ter visto a vida

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol
São as águas de março fechando o verão
É promessa de vida em nosso coração.

ANEXO D – POLÊMICA ENTRE CECÍLIA MEIRELES E FAGNER

“Quando penso em você...”: conheça a polêmica de plágio que envolve Cecília

Meireles e Raimundo Fagner

“Quando penso em vocêêêê, fecho os olhos de saudaaaade...” Se você nunca sentiu uma dorzinha de cotovelo ao ouvir Fagner interpretando *Canteiros*, sorte a sua. Se sentiu, pense duas vezes antes de colocar a culpa no cantor e compositor cearense. É que esse verso (e os seguintes), na verdade, não foi exatamente uma criação dele. A estrofe em questão é inspirada no poema **Marcha**, escrito por Cecília Meireles. A autora carioca, aliás, estaria completando 113 anos nesta sexta-feira, 07 de novembro.

Explicando: Fagner lançou *Canteiros* em 1973, como faixa do seu disco de estreia. Este não fez muito sucesso e acabou sendo retirado do comércio. No entanto, com o sucesso posterior da canção *Revelação*, o LP foi redescoberto e aquela música tornou-se um hit. Pouco antes disso, em 1977, o cantor havia registrado Cecília Meireles como coautora da letra, o que, no entanto, não impediu uma ação judicial movida pelas filhas da poetisa.

Em 06 de novembro de 1979, um dia antes da data de aniversário de Cecília, Fagner admitiu, em juízo, que havia tentado fazer uma adaptação do poema **Marcha**. Em 1983, as filhas da poetisa venceram a ação judicial, cabendo ao cantor, às Edições Saturno e às gravadoras Polygram, Polystar, Polifar o pagamento de uma indenização de 101 mil cruzeiros, por violação de direitos autorais. A Polygram, entretanto, continuou resistindo e apelou ao Supremo Tribunal Federal.

O litígio se arrastou até 1999, quando a gravadora Sony Music fez um acordo com as herdeiras de Cecília Meireles, envolvendo a regravação da música *Canteiros*, no primeiro álbum ao vivo de Raimundo Fagner, que viria a ser lançado no ano seguinte.

Já que tudo acabou bem, vamos aproveitar a música de Fagner e a lírica de Cecília Meireles, reconhecendo o melhor de cada um. Confira o poema **Marcha** e o vídeo de *Canteiros* a seguir.

*Quando penso no teu rosto, fecho os olhos de saudade
Tenho visto muita coisa, menos a felicidade
Soltam-se meus dedos tristes
Dos sonhos claros que invento
Nem aquilo que imagino
Já me dá contentamento.*

*Gosto da minha palavra pelo sabor que me deste
Mesmo quando é linda, amarga
Como qualquer fruto agreste.
Mesmo assim amarga, é tudo que tenho
Entre o sol e o vento.
Meu vestido, minha música,
Meu sonho, meu alimento.*

ANEXO E – MEUS OITO ANOS DE CASEMIRO DE ABREU

Meus Oito Anos – Casemiro de Abreu

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era

Nessa risonha manhã.
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberto ao peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais

ANEXO F – MEUS OITO ANOS DE OSWALD DE ANDRADE

Meus Oito Anos – Oswald de Andrade

Oh que saudades que eu tenho

Da aurora de minha vida

Das horas

De minha infância

Que os anos não trazem mais

Naquele quintal de terra

Da Rua de Santo Antônio

Debaixo da bananeira

Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões

Da cocaína da infância

Nos banhos de astro-rei

Do quintal de minha ânsia

A cidade progredia

Em roda de minha casa

Que os anos não trazem mais

Debaixo da bananeira

Sem nenhum laranjais.

ANEXO G – NOTÍCIA SOBRE A ORIGEM DO TERMO ‘LARANJA’

31/01/2016 11h57 - Atualizado em 31/01/2016 14h09

Uso do termo 'laranja' para designar ocultação de bens tem origem incerta

'Laranja' é aquele que 'empresta' nome para esconder beneficiário de crime. Expressão retornou ao noticiário após suspeitas sobre condomínio em SP.

Lucas Salomão do G1, em Brasília

Frequentemente utilizado para se referir a alguém que "empresta" o nome para ocultar a origem ou o destinatário de dinheiro ilícito, especialmente em operações que investigam crimes de lavagem de dinheiro e corrupção, o termo "laranja", um jargão entre policiais, tem origem incerta.

Nesta semana, a expressão retornou ao noticiário devido à suspeita de procuradores da República e do Ministério Público de São Paulo sobre um condomínio numa praia em Guarujá, no litoral de São Paulo. A suspeita é que apartamentos tenham sido usados como pagamento de propina por vantagens ilícitas em contratos com a Petrobras, investigados pela Operação Lava Jato.

Os investigadores apuram imóveis do mesmo condomínio que indicaram alto grau de suspeita quanto à sua real titularidade. Na última quarta (27), a Polícia Federal prendeu a publicitária Nelci Warken, que prestou serviços à Bancoop, cooperativa que iniciou a construção do empreendimento. As investigações apontam que a publicitária não seria a verdadeira dona do imóvel registrado em seu nome.

Os procuradores que investigam o caso apontam que outros imóveis podem ter tido o mesmo expediente: pertençam a terceiros e estejam no nome de "laranjas" para ocultar o patrimônio.

O termo

Na linguagem popular, o termo "laranja" passou a ser utilizado para se referir a um indivíduo que empresta seu nome – muitas vezes sem saber – para transações

financeiras e comerciais criminosas, ocultando a identidade do verdadeiro responsável pelo crime.

Normalmente, quando o "laranja" tem ciência de que está sendo utilizado para a prática, ele é remunerado pela "prestação do serviço".

Em outros casos, mais comuns com pessoas com pouca instrução e/ou baixo poder aquisitivo, o "laranja" tem o nome utilizado indevidamente sem que o indivíduo tenha ciência do crime.

De acordo com o criminalista e doutor em Direito Político Técio Lins e Silva, o termo "laranja" é uma expressão "bem policial", pouco utilizada no meio da advocacia, e está associado, principalmente, a crimes de evasão fiscal, lavagem de dinheiro e ocultação de patrimônio.

As hipóteses sobre os motivos de a fruta ser utilizada para designar o autor desse tipo de prática criminosa são muitas.

Apesar disso, segundo o doutor em Letras Cláudio Moreno, rastrear a origem do termo é "praticamente impossível".

"Na língua portuguesa, especialmente na língua falada, há uma parte das associações feitas entre palavras e termos que não tem elo lógico. O termo 'laranja', por exemplo", disse Moreno.

"É um termo usado popularmente. Não há registro histórico sobre a origem. [...] Há diversas teorias, especulações. Eu, particularmente, já pesquisei e desisti de descobrir porque a língua portuguesa, em muitas ocasiões, não é lógica. Fica para a imaginação de cada um", complementou.

Origem e hipóteses

Entre as hipóteses para a origem do uso de "laranja" a fim de designar a ocultação de um bem de origem criminosa, uma das principais e mais divulgadas remete a períodos em que, em alguns países, beber em público era proibido.

Para iludir a fiscalização, alguns indivíduos "injetavam" bebidas alcoólicas em laranjas e bebiam em público sem serem descobertos.

Também ficou popularizada a hipótese de que da laranja – fruta –, após o consumo, sobra apenas o bagaço, ou o resíduo da fruta.

A associação, nesse caso, seria pelo fato de o verdadeiro beneficiário do dinheiro ilícito extrair tudo do "laranja".

Outra teoria, essa menos difundida, afirma que o termo nasceu entre presos políticos. Na década de 1970, segundo essa explicação, os presos criaram "pirâmides financeiras" para continuar sustentando suas famílias.

Com a "pirâmide", uma pessoa, que era chamada de "limão", deveria convencer outras dez pessoas a fazer pagamentos para que os "limões" recebessem o dinheiro. Isso acontecia sistematicamente, pois para alguém receber, alguém deveria pagar.

As pessoas que faziam o pagamento eram chamadas de "laranjas" e, de acordo com essa tese, passaram a acobertar não só crimes financeiros, mas também tráfico, homicídio, violência sexual, roubo, entre outros.

Há ainda quem diga que a expressão se refere a uma prática militar na Guerra do Vietnã. Nas batalhas, os norte-americanos utilizaram o "agente laranja", produto que desfolhava as plantas e facilitava a visualização dos combatentes inimigos.

"Não passam de teorias. Vários leitores, estudiosos apresentam histórias que poderiam remeter à origem do termo. Mas nenhuma convence. É daqueles casos em que, simplesmente, uma palavra com um significado completamente diferente foi emprestada para se referir a outra coisa", explicou Cláudio Moreno.

"A língua não é lógica. No momento em que a pessoa se dá conta de que a língua não é lógica, ela fica aliviada e não trata como algo lógico. É uma paz", brincou o professor.